



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

BRUNNA MARIA GUIMARÃES BEZERRA

**DESCONSTRUINDO A MORAL CRISTÃ:
UMA INTRODUÇÃO AO ANTICRISTO, DE FRIEDRICH NIETZSCHE**

CAMPINA GRANDE-PB

2017

BRUNNA MARIA GUIMARÃES BEZERRA

**DESCONSTRUINDO A MORAL CRISTÃ:
UMA INTRODUÇÃO AO ANTICRISTO, DE FRIEDRICH NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador (a): Prof. Dr. Júlio César Kesting.

CAMPINA GRANDE-PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574d Bezerra, Brunna Maria Guimarães
Desconstruindo a moral cristã: uma introdução ao anticristo,
de Friedrich Nietzsche [manuscrito] / Brunna Maria Guimaraes
Bezerra. - 2017.
58 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting, Departamento
de filosofia".

1. Cristianismo 2. Moral Cristã 3. Decadência Moral I.
Título.

21. ed. CDD 335.4

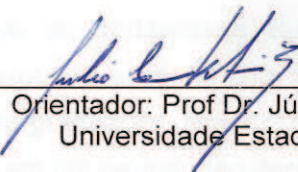
BRUNNA MARIA GUIMARÃES BEZERRA

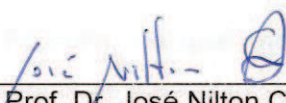
**DESCONSTRUINDO A MORAL CRISTÃ:
UMA INTRODUÇÃO AO ANTICRISTO, DE FRIEDRICH NIETZSCHE**

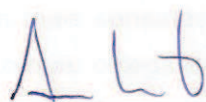
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 31/07/2017

BANCA EXAMINADORA


Orientador: Prof. Dr. Júlio César Kesting
Universidade Estadual da Paraíba


Examinador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba


Examinador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar os meus agradecimentos homenageando outra pessoa que não fosse o meu professor orientador Dr. Júlio César Kesting. Aquele que as aulas eu assistia com tanta satisfação, e que me apresentou de forma tão sábia uma das bases filosóficas de Nietzsche, o digníssimo Arthur Schopenhauer, no qual me encantei também desde as primeiras leituras. Júlio foi escolha feita em meu segundo ano de curso; o que não foi difícil para mim, que a cada dia nutria-lhe admiração e respeito. Uma escolha que implica a confiança necessária para a elaboração do trabalho presente, assim como para meus próximos passos, visto meu desejo e intenção de mantê-lo presente em meus próximos progressos acadêmicos. À você, querido Júlio, minha gratidão sincera e ótimas lembranças deste curso que modificou o rumo de meu aparente destino.

Além de me proporcionar momentos de sabedoria, o Profº Júlio ainda me presenteia com a honra de ter em minha banca examinadora pessoas singulares em personalidades e importância, e que fizeram parte de minha graduação de forma tão grandiosa: o Profº Dr. José Arlindo de Aguiar Filho com seu encantador humor juvenil e sua inteligência simplesmente brilhante e, o Profº Dr. José Nilton Conserva de Arruda, no qual a competência e o coração nobre medem em igual proporção diante de minha perspectiva. À vocês, ilustríssimos, o meu muito obrigado pela rica contribuição.

Agradeço também ao Profº Ms. José do Egito, meu professor de Filosofia durante o ensino médio, no qual não esquecerei da força que me deu quando decidi prestar vestibular para Filosofia, assim como de sua crença desde o princípio em minha capacidade intelectual. Hoje, revê-lo pelos corredores desta Universidade, onde sempre me dirige ainda palavras de credibilidade, é uma honra. Honra de poder orgulhar uma pessoa que nunca deixou de acreditar em mim. E, que apesar de não ter sido meu professor durante minha graduação, estes cinco anos passados de curso não apagaram sua figura fundamental em um período tão decisivo de minha vida. À você, estimado Egito, minha eterna gratidão.

Um curso como o de Filosofia, no qual mostra as várias faces da existência, abrange as discordâncias e aumenta as particularidades. Neste sentido, é difícil encontrar alguém que tenha um pensamento semelhante ao seu, no qual você possa compartilhar e dividir de bobagens até suas ideias mais sensatas. Tive o prazer, nos últimos anos, de dividir o meu mundo filosófico com o meu colega de sala e amigo de vida Artur Cirino da Silva, no qual costumo brincar que é ele o meu lado masculino e que temos um casamento filosófico. Nossa amizade é prazer de poucos, e isto faz com que eu me sinta

privilegiada pela sorte de tê-lo encontrado em meio a este caminho, que por vezes não é nada leve. À você, Tutu, o meu obrigado pelo companheirismo e honestidade. Nossa parceria filosófica não se limita aos muros da Universidade e nossos futuros projetos provarão este laço.

Ainda falando em amizade filosófica, jamais poderia deixar de frisar a importância fundamental do meu inteligentíssimo amigo e quase irmão, Rômulo Gondim. Rômulo já estava na Universidade quando entrei e sendo assim formou-se primeiro. Isto nunca o fez usar de superioridade para comigo ou não incluir-me em seus pensamentos e ideias. Sempre cavalheiro, muitas tardes passamos na varanda de nosso restaurante preferido falando sobre Filosofia, educação, política, música – atividade na qual ainda fazemos – e sempre fui incentivada com seus melhores elogios e presentes em formas de livros. Nenhum presente ou tarde é melhor do que a certeza que sinto sobre nossa amizade. E, registrá-la em meus agradecimentos é o mínimo, diante do máximo que sinto. À você, Rominho, gratidão por seu carinho e dedicação. Você fez e faz parte da minha história.

Agradeço também, do fundo de minha alma, a minha inspiração maior, a mulher de minha vida, minha mãe Jacqueline Gomes Guimarães. Que me incentiva na leitura e na escrita, tanto porque também os faz maravilhosamente, tanto porque se orgulha demasiadamente de minha dedicação aos estudos, sempre com elogios fundamentais que me servem de base e segurança. Para ela, não importa o que é Filosofia, mas que ela me faz feliz e que isto por si só basta para me apoiar a cada passo. À você, mainha, a minha vida e o meu amor.

Por fim, e de forma alguma menos essencial, agradecer ao meu amor Marco Aurélio Girardi, por me compreender e me ouvir com tanta paciência, carinho e serenidade, no percurso da elaboração deste trabalho. Por me incentivar, afim de que eu persistisse em dar o melhor de mim, e superar-me; e por ser o meu braço direito e porto seguro, quando me ocorreu momentos de fragilidade e incertezas. À ti, meu amor, o meu coração.

Grata à todos vocês, hoje e sempre.

“Absolutamente não é preciso, nem ao menos desejado, tomar partido em meu favor: ao contrário, uma dose de curiosidade, como diante de uma excrescência estranha, com uma resistência irônica, me pareceria uma postura incomparavelmente mais inteligente.”

(Friedrich Nietzsche a Carl Fuchs, 29 de julho de 1888).

RESUMO

Este trabalho, que tem por base a obra *O Anticristo* (1895), do filósofo Friedrich Nietzsche, objetiva detalhar a crítica do mesmo em relação a moral cristã. Ao seguirmos o seu pensamento, no qual propõe a transvaloração de todos os valores, Nietzsche nos faz refletir acerca da estrutura do valor cristão, o que torna um valor aos olhos cristãos, e se este é favorável a criatividade da vida em si. O objetivo do filósofo, como torna-se perceptível em suas demais obras, é a evolução do ser humano até o alcance do que ele intitula como *Übermensch*; isso significa um encontro a sua auto superação, a sua superioridade, a sua independência pessoal. Aqui, será exposto o percurso a ser feito, segundo o filósofo, para que se consiga tal avanço, assim como os obstáculos que impedem o homem de alcançar a si próprio, como por exemplo a moral cristã, que o limita e o rebaixa. A sua crítica clara e direta ao Cristianismo tem por objetividade a fragilização desta religião, a intenção de desmistificar as suas bases e os seus valores, e mostrar que a inserção desta moral na sociedade foi de cunho prejudicial, principalmente em caráter existencial. A moral cristã, segundo Nietzsche, é a falsa verdade implantada, com base metafísica e alimentada na fé, que se mostra contra a vida a partir do momento que cria leis que a nega, a rejeita e a distorce.

Palavras-chave: Nietzsche. Moral cristã. Nihilismo. *Übermensch*.

ABSTRACT

This work, which is based on the work of *Antichrist* (1895), by the philosopher Friedrich Nietzsche, aims to detail his criticism of Christian morality. Following his thinking, in which he proposes the transvaluation of all values, Nietzsche makes us reflect on the structure of Christian value, which makes a value to Christian eyes, and if this is conducive to the creativity of life itself. The philosopher's goal, as it becomes perceptible in his other works, is the evolution of the human being to the extent of what he calls the *Übermensch*; It means meeting their self-improvement, their superiority, their personal independence. Here, the path to be made, according to the philosopher, will be exposed so that such progress can be achieved, as well as the obstacles that prevent man from reaching himself, such as Christian morality, which limits and reduces him. His clear and direct criticism of Christianity has as its objectivity the weakening of this religion, the intention to demystify its foundations and its values, and to show that the insertion of this moral in society was prejudicial, especially in an existential character. The Christian motive, according to Nietzsche, is the false truth implanted, based on metaphysics and nourished in faith, which shows itself against life from the moment it creates laws that deny, reject and distort it.

Keywords: Nietzsche. Christian morality. Nihilism. *Übermensch*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DA DECADÊNCIA MORAL À POSSIBILIDADE DE ÜBERMENSCH	11
3	ACERCA DO “ANTICRISTO”	19
	3.1 O CRISTIANISMO CONTRA A VIDA, CONTRA O ÜBERMENSCH	20
	3.2 CONCEITUANDO DEUS	25
	3.3 RELIGIÕES DA DECADÊNCIA	27
4	A ORIGEM DO CRISTIANISMO	30
5	O REDENTOR E “SUA” IGREJA	33
	5.1 O ÚNICO CRISTÃO E O ÚNICO EVANGELHO	37
	5.2 A CIÊNCIA INIMIGA	43
6	DA LOUCURA CRITICA AO SEU CONDICIONADO FIM	48
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55

1 INTRODUÇÃO

O referente trabalho, diz respeito ao pensamento do filósofo do século XIX Friedrich Nietzsche, quanto ao tema da moral cristã. Nietzsche propõe em sua filosofia uma transvaloração dos valores cristãos existentes, questionando seu fundamento e sentido, assim como procura fazer perceber a importância desta análise para possível transformação do ser humano. Diante das tantas obras escritas pelo mesmo, nas quais abordam o tema da moral, utilizaremos para este trabalho o livro intitulado *O Anticristo* (1895), na tentativa de ser o mais fiel possível a suas palavras e intenção.

Será abordado, em específico, os valores estabelecidos pela moral cristã, onde veremos que Nietzsche se mostra notoriamente contra, justificando-se através de argumentos analisados, desprezando o método metafísico. O filósofo, que apesar de ser rotulado como pessimista, nos mostra um amor incondicional pela vida. E, assim sendo, tudo e qualquer coisa que se mostra contrária a ela é, para Nietzsche, antinatural, conseqüentemente inválido. Neste sentido, inicia-se a forte crítica do filósofo à moral cristã, onde afirma limitar as vidas e escolhas alheias com os seus dogmas, e que provoca de forma intencional o sentimento de culpa naqueles que não os seguem. Isto, para Nietzsche, é um sentido errôneo e hipócrita de se ver e viver à vida.

A crítica nietzschiana também se dá pela necessidade quase obrigatória do homem, por assim dizer, de superar-se e de elevar-se. O filósofo nos traz a ideia do *Übermensch*, o além-homem, que tem por finalidade a independência do ser em si, sua liberdade desprendida de limitações – principalmente dogmáticas –, e sua superioridade ante sua própria existência, isto é, sem utilizar-se de um Deus para justificar seus próprios atos. Nietzsche tenta nos fazer perceber a responsabilidade que temos com nós mesmos e com o que adotamos como suposta escolha, principalmente quando isto implica no rumo de nossa vida, como a visão moral, por exemplo.

E, é neste sentido, que o filósofo dedica-se a desmistificar a moral cristã, apontando-a como responsável por males que atingem a vida e a liberdade dos seres. Mostra, através de sua crítica, pontos que fazem do Cristianismo algo falho, de finalidade niilista, de fundamento não natural. Aqui também será visto o percurso criado por Nietzsche, para formular o seu pensamento em relação ao Cristianismo, desde a sua origem – onde aponta o Judaísmo como início – até seu suposto fim, com a ideia de niilismo como condição diante sua base insustentável.

Também será falado sobre a comparação feita por Nietzsche, a nível espiritual,

entre o Cristianismo e o Budismo, que diferem a partir da forma de como o sofrimento é encarado, assim como a forma que vêm e vivem a vida terrena. O filósofo critica a necessidade do Cristianismo perpetuar a ideia de vida após a morte, quando a vida real está anulada em nome de limites que a moral cristã intitula como virtudes.

Os sacerdotes são o alvo principal de Nietzsche já que, afinal, são estes que representam o Cristianismo e propagam suas ideias. Para ele, nada mais que falsos profetas. Paulo, em particular, é acusado pelo filósofo de deturpação e distorção dos Evangelhos, pois afirma que este tentava se auto promover afim de divinizar-se. Teólogos e papas estão, para Nietzsche, no mesmo patamar que os sacerdotes.

A obra escolhida para elaboração deste trabalho, por possuir um título intrigante e auto sugestivo, fez com que até hoje o filósofo ganhasse admiradores e inimigos. No decorrer destas páginas, poderá ser compreendido que a crítica de Nietzsche não é dirigida a Jesus Cristo, como muitos pensam ou julgam, porém aos que se dizem seguidores de sua palavra e que se intitulam “cristãos”; termo este que segundo o filósofo apenas uma única pessoa pode utilizar: o próprio Cristo. Ao tentar dar continuidade a palavra dele, através do Cristianismo, iniciou-se a corrupção da história e as interpretações “apropriadas” das leituras dos Evangelhos. Claro que Nietzsche não é um religioso, porém faz questão de deixar claro qual o verdadeiro alvo e fonte de toda decadência cristã: os próprios “cristãos”.

O filósofo possui foco na criatividade da vida, a vida em si, a vida que temos; isto quer dizer no agora, no real, no terreno. O grande mal da moral cristã em sua perspectiva, é desvalorizar esta vida em nome de uma suposta vida num futuro pós morte, e corromper a mente e o sentimento de várias pessoas implantando esta ideia, sem que se haja uma preocupação em comprová-la. O filósofo ignora a ideia da utilização da fé em prol da sustentação de uma moral que se baseia em argumentos metafísicos para não admitir suas falhas e criações. E ignora mais ainda o fato de as pessoas não procurarem o valor real dos valores que lhe são ensinados.

O Übermensch, para o filósofo, é a verdadeira “salvação” para o ser. É a transformação necessária para a evolução, para a produção, para a criatividade da vida. Sem a consciência desta ideia, o ciclo de caos e niilismo é a consequência. Veremos que toda acidez de suas palavras, quando aplicadas a seu objetivo de melhoramento existencial, passam a ser compreendidas e vistas de forma mais clara. Nietzsche amava a vida. E, por esta razão, era inimigo de tudo que fosse contra ela: neste caso, a moral cristã.

2 DA DECADÊNCIA MORAL À POSSIBILIDADE DO ÜBERMENSCH

De forma ousada – e sendo isto já de seu feitio – Friedrich Nietzsche desenvolve um pensamento crítico e, poderíamos dizer, chocante até os dias atuais, acerca da *moral*. O filósofo desconstrói minuciosamente as bases históricas, conceitual e reflexiva da moral, fincadas à séculos sobremaneira pelo pensamento cristão, propondo assim *transvalorar* os valores resultantes de tal moral imposta. Tido como um ser visionário extemporâneo, Nietzsche constrói seus pensamentos baseando-se numa suposta crise, prevista para o futuro: crise de identidade entre as pessoas, de dúvidas entre os valores adotados, de descrença, da dúvida acerca a origem e fundamento das coisas nas quais simplesmente aceitaram sem questionar.

Ao atacar essa tradição, Nietzsche pretendia atingir não apenas a religião cristã, mas o mundo ocidental como um todo, que, segundo ele, teria seus mais fundos preconceitos ancorados na razão grega, de um lado, e no dualismo cristão, de outro – ambos devidamente casados na filosofia medieval cristã, que transferiu o mundo das ideias platônico para o reino dos céus, permitindo sustentar a crença em Deus em termos racionais e tornar o universal o ideal da igualdade. (MATTOS, 2011, p. 98).

É certo que, sendo a moral a responsável por impor limites, tem estabelecido o que é tido por “bem” ou por “mal”; e, é a partir das consequências destas definições que o choque social recai sobre os indivíduos, gerando uma discordância de ideias, uma percepção do inverso do que até ali se considerava correto. No prefácio da obra *Aurora* (1881), especificamente no aforismo número 3 (três), o filósofo reflete o seguinte sobre a moral:

Foi sobre o bem e o mal que até hoje refletimos mais pobremente: esse foi sempre um tema demasiado perigoso. A consciência, a boa reputação, o inferno, e às vezes mesmo a polícia, não permitiam nem permitem imparcialidade; é que, perante a moral, como perante qualquer autoridade, não é permitido refletir e, menos ainda, falar: nesse ponto se deve — *obedecer!* Desde que o mundo existe, nunca uma autoridade quis ser tomada por objeto de crítica; e chegar ao ponto de criticar a moral, a moral enquanto problema, ter a moral por problemática: como? Isto não foi – isso não é - imoral? (NIETZSCHE, 1881, p. 15).

Sendo o pensamento cristão o principal influente da moral e dos bons costumes sociais, guia da ordem e da condução do que é tido como “bom”, assim ele tornou-se alvo da crítica do filósofo. Nietzsche apresenta um pensamento contrário a esse tipo de doutrinação e de subordinação. “Perspectivas de valor são mais fundamentais do que

objetividade e certeza.” (HATAB, 2010, p. 15). O Cristianismo concentra em si toda fraqueza e pequenez do homem. Os indivíduos não percebem ou assumem suas pobreza intelectuais quando optam por recorrer à teorias metafísicas afim de justificarem mais facilmente, por assim dizer, as suas existências. O Cristianismo possui lugar de destaque nas objeções frequentes do filósofo; a moral cristã seria negadora da vida e dos valores a ela relacionados.

Segundo Nietzsche, assumindo o papel de ordenar sem dar direito a questionamentos, a moral acaba por estabelecer comportamentos fixos. Neste sentido, a reação das críticas dirigidas a Nietzsche se dividem entre causar horror para uns e ser concorde para outros. “A moral, para Nietzsche, quer disciplinar o homem e, na medida em que é decadência fisiológica, estabelece o tipo degenerado como normal – moralização é decadência” (BRANDÃO, 2011, p. 38). O filósofo propõe a independência do indivíduo, sua auto superação, sua autoafirmação e libertação total da ideia de um Deus que é responsável por nossos destinos e vidas, que supostamente guia nossas escolhas e que nos castiga através das consequências delas, que determina nossa existência entre sofrimentos e felicidades.

Super-homem é todo aquele que supera as oposições terreno-extraterreno, sensível-espiritual, corpo-alma; é todo aquele que supera a ilusão metafísica do mundo do além e se volta para a terra, dá valor à terra. Neste sentido, super-homem é superação, ultrapassagem. De quê? Do homem tal como ele foi; do homem do passado e sua crença em Deus. (MACHADO, 1997, p. 46).

É importante entender que a intenção de Nietzsche é de cunho existencial e que, por sua vez, se reflete como consequência num suposto melhoramento social. Segundo ele, a moral religiosa acaba por atingir diretamente o instinto do homem, sendo impedido de viver de forma natural seu lado dionisíaco, sua realidade enquanto espécie, sua natureza. “A teoria histórico-filosófica de Nietzsche rompeu a identificação moderna entre sociedade e humanidade, reconhecendo na vida valores que independem da formação social, mesmo que esses valores só possam se realizar no âmbito de uma existência social.” (SIMMEL, 2011, p. 186). Assim, além de ser necessária a consciência quanto à importância da desconstrução da moral imposta, também deve-se perceber a finalidade deste ato e qual a verdadeira superação proposta pelo filósofo: o indivíduo e sua responsabilidade por si próprio.

Daí que o princípio dionisíaco, isto é, o princípio de uma “afirmação

incondicional da vida”, possa ser visto como o novo critério, o novo fio condutor a orientar nosso pensamento criador em sua tarefa de construir perspectivas de interpretação do mundo e do homem – as novas “imagens do eu”. Se o erro fundamental do princípio oposto – o apolíneo ou ascético – estava em assumir uma perspectiva externa ao mundo e à vida para julgá-los, é preciso inverter essa óptica e assentar no interior do próprio mundo, nos elementos naturais de nossa existência, as bases valorativas a partir das quais possamos não exatamente julgá-la, mas antes justificá-la, reafirmá-la e reassegurá-la de suas mais elementares “prerrogativas” - por exemplo, o “querer mais” do “forte”, aquele egoísmo saudável e aquela natural sede de dominação que se encontravam sufocados, reprimidos, sob a tirania universal do igualitarismo cristão, uma tirania cujas raízes, como vimos, estariam na “rebelião moral dos escravos”. (MATTOS, 2011, p.59).

Neste sentido, o indivíduo deve transcender a si mesmo para alcançar a superioridade que lhe cabe enquanto ser consciente da própria existência, assumindo a independência de uma vida não premeditada por um Deus ou desvalorizada em nome de uma vida após a morte – como faz o Cristianismo ao alimentar a ideia de eternidade –, assumindo apenas seus próprios atos realista e convictamente. Mas, para se alcançar isto é pressuposto um longo caminho a seguir, e o primeiro passo é o da desconstrução moral através da transvaloração dos valores existentes. Quanto a isso, Nietzsche em sua obra *Genealogia da Moral* (1887) diz:

Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, o *próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. (NIETZSCHE, 1887, p. 12).

A moral cristã direciona, segundo o filósofo, para o rebaixamento do homem, assim como é fonte de uma fraqueza injustificável, inaceitável. As únicas condições nas quais o homem deve procurar superar com empenho realmente válido são as impostas por sua própria natureza; quaisquer outras são intoleráveis e falsas. Apesar do foco de sua crítica ser voltada a moral cristã em particular, Nietzsche deixa claro abominar todos os tipos de imposições que alimentam o sentimento de inferioridade e fraqueza humana, sendo o fim a conquista do domínio dos seres, a escravização de um ser pelo outro, sejam estes sistemas ou instituições.

Se até agora não se pôs em causa o valor dos valores “bem” e “mal”, é porque se supôs que existiram desde sempre; instituídos num além,

encontravam legitimidade num mundo supra-sensível. No entanto, uma vez questionados, revelam-se apenas “humanos, demasiado humanos”; em algum momento e em algum lugar, simplesmente foram criados. Assim o valor dos valores está em relação com a perspectiva a partir da qual ganharam existência. Não basta, contudo, relacioná-los com os pontos de vista que os engendraram; é preciso ainda investigar de que valor estes partiram para criá-los. (MARTON, 2006, p. 43).

O conformismo, a falta do interesse no questionar, a aceitação facilitada: tudo isto é considerado pelo filósofo sinal de baixeza, pequenez, decadência. “A decadência é uma diminuição, um enfraquecimento do homem; é a transformação do tipo forte no tipo fraco, o triunfo das forças reativas sobre as forças ativas; é a decomposição das forças ativas, a subtração da força dos fortes que fez com que os próprios fortes assumissem os valores dos fracos.” (MACHADO, 1999, p. 62). Jamais o ser alcança a superioridade enquanto não perceber suas próprias falhas. Afinal, como elevar-se sem ter a consciência de sua capacidade? Como evoluir nutrindo ainda uma moral religiosa que aponta o que é tido por bem e mal da forma que lhe convém? O fato é que a moral não permite que o homem exerça sua própria criatividade, limitando-o, cegando-o. A moral torna-se inimiga do ser enquanto indivíduo existencial e superior.

O que é bom? - Tudo o que aumenta no homem o sentimento do poder, a vontade de poder, o próprio poder. O que é mau? - Tudo o que nasce da fraqueza. O que é a felicidade? - O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência foi vencida. (...) Os fracos e falhados devem perecer: primeiro princípio da *nossa* caridade. E há mesmo que os ajudar a desaparecer! O que é mais nocivo do que todos os vícios? - A compaixão da ação por todos os falhados e fracos: o Cristianismo... (NIETZSCHE, 1895, p. 13).

Qualquer ato ou forma que se mostre contra a criatividade de vida, a expressão do viver, a vida em si, é intolerável para Nietzsche. Muitos consideram o filósofo como sendo uma espécie de pessimista positivo; mas, apesar de, sua personalidade lógica e por vezes ríspida, ele amava a vida e a ressaltava sempre, colocava-a acima de qualquer razão. Sendo assim, sua atitude de questionar a moral imposta – moral essa que incita contra a própria vida – é simples e verdadeiramente uma prova de amor à existência.

A análise da moral de Nietzsche segue por isso a tendência obsessiva de descobrir a crueldade primária escondida na moral. Assim, para ele, a crueldade aberta é o momento da verdade. A história primeva da hostilidade vem à luz. O elementar rompe a casca da civilização. (SAFRANSKI, 2005, p. 171).

O termo niilismo negativo dirige-se aos seguidores e defensores da moral; guiados por um certo platonismo, por um Cristianismo, que ao invés de ser a favor da vida, com seus instintos e naturalidade, a nega e a limita, a toma e a torna secundária. Este termo foi útil para apontar os seguidores religiosos que negam a vida em nome de valores tidos como superiores. Há quem discorde disso, claro! Mas, para o filósofo, uma das piores falhas do Cristianismo é a promessa de uma vida eterna baseada num conceito metafísico da existência de um Deus, que é apenas dirigida aos “bons”, aos merecedores, aos que possuem virtudes – sendo estas virtudes estabelecidas por sua própria moral. “O Cristianismo fala, é claro, em superar o mundo, mas não pode esclarecer o sentido da passagem pelo mundo, ou seja, por que Deus não chama imediatamente as almas para a bem-aventurança.” (SIMMEL, 2011, p. 193). Com isto, a vida real, a vida vivida, a vida que temos, é anulada em nome de uma suposição, de uma possibilidade, de uma hipótese baseada numa moral fraca e ambiciosa.

Nietzsche possui um objetivo: o alcance do *Übermensch*, o além-homem. Para ele, o homem está entre o animal e este homem superior, entre o instinto e a superação de si. Neste sentido, a moral dos fracos não ajuda o ser humano na sua auto superação. “Ora, sem posição de imoralismo, não há super-homem no sentido de Nietzsche.” (LEFRANC, 2005, p. 255). A moral está no meio: ela nem permite que o ser humano exerça seu papel natural de animal instintivo, e nem almeja que este chegue ao *Übermensch*, já que lhe convém manter o controle de sua existência, limitando-o às leis preestabelecidas, que definem o que lhe é bem e mal. Ora, o que o filósofo quer que a humanidade perceba é que não há uma divisão entre estes termos, mas sim, que o bem e o mal dependem um do outro como qualquer contrário; que vejam em seu equilíbrio, uma resposta.

O além-do-homem é um tipo superior exemplar (o que jamais significa uma evolução para uma espécie superior num sentido biológico – qualquer darwinismo, aqui, é descartado pelo filósofo), o avesso de um decadente. Nesse sentido, tem uma condição fisiológica superior, afirma a vida sem negá-la, cria valores, consegue evitar as teias da razão, linguagem e metafísica. Por todos esses motivos, por nunca desvalorizar esta existência em nome da outra, o Cristianismo declarará guerra de morte contra esse tipo superior de homem. (BRANDÃO, 2011, p. 41).

A negação dos valores superiores em nome do progresso da humanidade é uma tarefa para os niilistas reativos. São estes que percebem a morte de Deus tão frisada pelo filósofo. “O primeiro sentido do niilismo encontrava seu princípio na vontade de negar como vontade de poder. O segundo sentido, “pessimismo da fraqueza”, encontra

seu princípio na vida reativa nua e crua, nas forças reativas reduzidas a si mesmas. O primeiro sentido é um *niilismo negativo*; o segundo é um *niilismo reativo*.” (DELEUZE, 1976, p. 124). A morte de Deus é simplesmente o descrédito na crença, a dúvida no que se dizia crê, e a inquietação do que se ainda fala porém que não mais se acredita; e tal morte dá lugar ao surgimento do homem superior.

O Super Homem é alvo e última meta do pensamento de Nietzsche, não identificado, porém, com nenhuma espécie ou com determinado nível da humanidade atual. Diz respeito ao futuro, à hora de a montanha do porvir humano dar à luz. Já que Deus morreu, é preciso que viva o Super Homem. (GILES, 2003, p. 39).

Claro, segundo as leis morais, a superioridade do homem é tida como um mal, algo proibido. A superação do homem, por assim dizer, é vista como algo errado, um “pecado”. O que fica claro na filosofia de Nietzsche é que é dificultoso o caminho até nos pertencermos, de nos superarmos, de nos desvincularmos de uma moral onde muitos afirmam ser a verdade universal; mas, que apesar disto, nunca será caro o valor a pagar para se alcançar tal superioridade:

- Foi então que empreendi uma coisa que não podia ser para todos: desci para as profundezas; passei a perfurar o chão, comecei a examinar e a minar uma velha *confiança* sobre a qual, há alguns milhares de anos, nós, os filósofos, temos o costume de construir, como sobre o terreno mais firme – e reconstruir sempre, embora até hoje toda construção tenha ruído: comecei a minar nossa *confiança na moral*. Mas será que não me compreendem? (NIETZSCHE, 1881, p. 15).

É preciso perceber o niilismo como uma consequência, um *a posteriori*, um resultado de descrença no que a princípio se julgava verdadeiro. “A vitória comum das forças reativas e da vontade de negar, Nietzsche chama-lhe niilismo – ou triunfo dos escravos.” (DELEUZE, 1965, p. 25). O niilismo é resposta da moral cristã, uma moral que já não consegue assumir seus próprios erros, gerando paradoxos e descrédito. Após o enfraquecimento de seus valores, o niilismo surge como possibilidade de recomeço para a transvaloração desses valores, assim como o alcance do homem por si mesmo.

Os valores podem mudar, renovar-se ou mesmo desaparecer. O que não muda e não desaparece é a perspectiva niilista que preside esta história do início ao fim e da qual derivam todos esses valores tanto quanto sua ausência. Por isso Nietzsche pode pensar que o niilismo não é um acontecimento na história e sim o motor da história do homem como história universal. (DELEUZE, 1976, p. 127).

Neste sentido, a morte de Deus falada por Nietzsche, resulta simplesmente e unicamente desse niilismo; tanto que o filósofo não atribui esta morte a uma pessoa em particular, porém a todos.

A morte de Deus é, pois, um acontecimento, mas que ainda espera o seu sentido e o seu valor. Enquanto não mudarmos de princípio de avaliação, enquanto substituímos os velhos valores por novos, apenas assinalando novas combinações entre as forças reativas e a vontade de nada, nada mudou, continuamos sempre sob o reino dos valores *estabelecidos*. (DELEUZE, 1965, p. 29).

Em sua obra *A Vontade de Poder* (1901), lançada de maneira póstuma, o filósofo define desta forma o niilismo:

Niilismo é então o tornar-se consciente do grande e duradouro *desperdício* de força, o tormento do 'em vão', a insegurança, a falta de oportunidade de recuperar-se de qualquer modo, de ainda repousar sobre alguma coisa – a vergonha de si mesmo, como de alguém que se tivesse enganado durante muito tempo... (NIETZSCHE, 1901, p. 31).

Passado o impacto inicial do desconcerto, tal niilismo pode ser encarado de duas formas: uma delas é de visão pessimista, geradora de estagnação, sentimento de finalização sem objetivo, vazio de respostas (esta visão foi inclusive adotada por muitos pensadores no século XIX); a outra visão, por sua vez escolhida por Nietzsche, é a da chance de reinventar, de criar um novo caminho, de ver início e possibilidades longe da repressão da falsa moral e, por esta razão, tendência ao favorável no que se refere a superação do ser. Esta última visão é do tipo niilismo ativo, pois parte para a prática, para a ação da independência do ser humano; diferentemente do niilismo passivo que remete ao conformismo e a falta de motivação, já que tem apenas o cultivo da descrença no progresso da humanidade para ater-se.

Chega o tempo em que nós temos de *pagar* por termos sido cristãos durante dois milênios: perdemos o peso que nos deixava viver, - não soubemos, durante um período, para que lado nos virar. Precipitamo-nos inopinadamente em valorações opostas com a mesma medida de energia... (NIETZSCHE, 1901, p. 39).

Os modernos, segundo Nietzsche, foram os responsáveis pela morte de Deus. Na metáfora do louco, relatada no livro III da obra *A Gaia Ciência* (1882), Nietzsche escreve: ““Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! *Nós os matamos* – vocês e eu.” (NIETZSCHE, 1882, p. 147). Sendo assim, diante da derrocada dos valores morais e a

tomada de consciência do niilismo, se instaura a possibilidade de reconstrução da história dos valores para uma nova perspectiva de vida, ausente do moralismo cristão. “A transmutação de todos os valores define-se assim: um devir ativo das forças, *um triunfo da afirmação na vontade de poder.*” (DELEUZE, 1965, p. 30). Neste sentido, o niilismo entra após a ruptura de determinada cultura, dando espaço à superação.

Nesse papel, em vez de racionalizar valores correntes, que na realidade não passam de criações que conseguiram se impor porque se tornaram dominantes durante certo tempo, e assim se tornaram “verdades”, Nietzsche oferece uma crítica que tem por finalidade preparar o terreno para uma nova criação de valores verdadeiros, ou seja, a legislação de valores do futuro, preferindo, nisso, não seguir o método da maioria dos filósofos, que consiste em se apropriar de um preconceito popular, exagerando-o. (GILES, 1989, p. 40).

Cabe aqui citar a obra nietzschiana intitulada *Assim Falava Zaratustra* (1883), considerada uma de suas principais obras. Nela o filósofo descreve como deveria ser a trajetória do ser humano no palco do mundo. Primeiramente a trajetória do “camelo”: essa seria a representação de um período em que o homem carrega em suas costas todos os valores, num sentido de fardo, de sustento e sofrimento, como que numa obrigação sem que o mesmo se dê conta. Em seguida, temos a fase do “leão”: essa seria a fase da crítica dos valores estabelecidos pela moral cristã que tornou-se cultura. Na análise feita se percebe que não há valor a ser recuperado graças a seu histórico de decadência. E, por último, a fase da “criança”: aqui estaria simbolizada a recriação dos valores, a liberdade do homem de viver plenamente livre, sua independência de ir e vir sem limitações.

Esta trajetória nos mostra bem o percurso que o homem passa ou deve passar até alcançar a si mesmo como ser responsável pela própria vida. Também nos faz perceber que não é difícil compreender o que Nietzsche nos propõe com sua filosofia, que apesar de dura e irreverente, tem um objetivo favorável a vida e a criatividade. Se na visão do filósofo a moral cristã é um obstáculo para a superação do homem, é necessário estudar seus argumentos, compreender o que Nietzsche tem a nos oferecer. E é nesta perspectiva que seguiremos para o próximo ponto que tem por foco a obra *O Anticristo* (1895).

3 ACERCA DO “ANTICRISTO”

Voltar-se para Nietzsche, para os escritos de Nietzsche, para a compreensão de seu pensamento, é tarefa por vezes difícil. Nietzsche é filósofo de escrita própria que traz mistério em suas linhas e que possui em suas palavras, ao mesmo tempo, crueza e paixão inegavelmente transparentes. Como o próprio Nietzsche diz no primeiro parágrafo do prefácio de sua obra *O Anticristo* (1895): “Este livro destina-se a muitíssimo poucos. Talvez nem sequer um deles viva ainda. Serão esses, porventura, os que compreendem o meu *Zarathustra*... Como *poderia* eu misturar-me com aqueles para quem hoje se aprontam já ouvidos? Só o depois de amanhã me pertence. Alguns nascem póstumos.” (NIETZSCHE, 1895, p. 11).

Percebemos que Nietzsche já prevera a falta de compreensão que seu pensamento teria, já baseando-se em sua época e cultura; provavelmente por esta razão seria mal interpretado e/ou negligenciado. A obra *O Anticristo* (1895) seria exemplo claro desta deturpação. Muitos enxergam em Nietzsche um representante do mal contrário a Deus, um difamador do divino. Pelo próprio título se rotulam conclusões apressadas. É certo que, pelo nome de seu livro, é possível já definir bem o tema de sua obra; porém, é necessário que se enxergue isso com olhos não demasiadamente dogmáticos, nem demasiadamente humanos.

A firmeza de Nietzsche na defesa de seu pensamento é o que inspira, e o que muitas vezes, causa repulsa. Seu foco na eterna busca é o que o torna um real representante da filosofia e do amor pela vida. Para isto, o isolamento de Nietzsche foi o preço a pagar por ter se chegado onde se chegou em sabedoria: sua solidão foi uma espécie de mal necessário para sua auto compreensão e criação de obras tão sentidas, vividas e refletidas.

Necessária é também uma preferência da força por questões a que hoje ninguém se atreve; a coragem para o *proibido*; a predestinação para o labirinto. Uma experiência de sete solidões. Ouvidos novos para uma nova música. Olhos novos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades que, até hoje, permaneceram mudas. E uma vontade de economia de grande estilo: reter conjuntamente a sua força, o seu *entusiasmo*... O respeito por si mesmo, o amor-próprio, a liberdade incondicional para consigo... (NIETZSCHE, 1895, p. 11).

A filosofia nietzschiana não é em nada tradicionalista; não fala o que se quer ouvir ou o comum de se ouvir; ela se encontra num patamar individual e áspero. Tudo o que não é simples, facilitado e acessível: isto é a filosofia de Nietzsche. A superação do

entendimento e do intelecto da alma: eis o labirinto no qual iremos adentrar através da introdução de sua obra *O Anticristo* (1895). Esse labirinto é objetivo e direto, e apesar de carregar o nome de labirinto, revela que o emaranhado real está na moral absorvida e não percebida, na moral que nos escapa os sentidos, a moral dos escravos e fracos do Cristianismo.

3.1 O CRISTIANISMO CONTRA A VIDA, CONTRA O ÜBERMENSCH

Para compreender onde Nietzsche quer chegar quando faz uma comparação de rebaixamento do cristão em relação ao *Übermensch*, é necessário a ênfase nestas palavras escritas por ele:

O problema que aqui apresento não é qual o lugar que a humanidade deve ocupar na sequência dos seres (o homem é um fim), mas que tipo de homem se deve *criar*, se deve *pretender*, como o de mais alto valor, mais digno de viver, mais seguro do futuro. Este tipo de elevado valor já existiu bastante vezes; mas como um feliz acaso, como uma exceção, nunca como um tipo *desejado*. Pelo contrário, foi precisamente *ele* o mais temido até ao presente, quase a própria realidade temível em si – e a partir desse temor o tipo inverso foi desejado, criado, *conseguido*; o animal doméstico, a rês gregária, o doente animal humano – o cristão... (NIETZSCHE, 1888, p. 14).

Afim de que possamos compreender a real importância do *Übermensch*, o filósofo foca justamente em seu contrário. O homem cristão é completamente diferente do além-homem, em todos os sentidos, aspectos, características e fundamento. O ponto central de sua crítica é perceber – com repugnância – no Cristianismo, uma intencionalidade no que diz respeito a inversão, a alteração, a deturpação quanto aos valores reais do ser humano. “Na ótica nietzschiana, a questão do valor apresenta duplo caráter: os valores supõem avaliações, que lhe dão origem e conferem valor; as avaliações, por sua vez, ao criá-los, supõem valores a partir dos quais avaliam.” (MARTON, 2006, p. 52). No Cristianismo, o que é verdadeiramente bom é pregado como mau e, o que é verdadeiramente mau, é invertido no que é bom; um jogo baseado em interesses, utilizando-se de um sistema dogmático, de escravidão e manipulação, quase que imperceptíveis. Com a moral cristã estabelecida, sem espaço para questionamentos, torna-se mais fácil transformar uma falsidade em realidade.

A guerra que Nietzsche trava com o Cristianismo é ainda interpretada de forma errônea por muitos, o que fora previsto por ele, mas que não se impediu de seguir em

frente apesar de qualquer consequência. Ele não se via como inimigo de uma civilização e sim o Cristianismo como verdadeiro inimigo enganador, o violador dos direitos naturais, o afrontador dos instintos, o negador da vida: “tirei a cortina da corrupção do homem” (NIETZSCHE, 1895, p. 15). A superioridade do homem é vista no ângulo cristão como um mal, como erro, como pecado. Assim, a vida é impedida de seguir seu curso natural para ser rebaixada a regras de inferioridade, de limitações, de fraqueza. “A vida, esmagada sob o peso do desprezo e do eterno, como indigna de ser desejada, é sentida como algo sem valor” (GILES, 1989, p. 42). Nenhuma destas características levaria o homem ao alcance de sua superioridade – e isto para Nietzsche é o imperdoável. Qualquer valor cristão é tido por ele como decadência, como sinal de decadência, como puro ato de decadência.

E, em se tratando de valor cristão, o principal a ser mencionado por ser considerado virtude e base desta religião, é a *compaixão*. Para Nietzsche, é exatamente ela que nos retira a energia, o foco, a força de viver. “A compaixão rebaixa o homem, fazendo-o descer na maioria dos casos até os níveis mais débeis, dos caídos, dos vencidos.” (SIMMEL, 2011, p. 191). Uma religião que segue e tem por fundamento a compaixão, é comprovadamente uma religião que incentiva à fraqueza, que alimenta essa fraqueza, se torna a própria fraqueza em si.

Supondo que se mede a compaixão pelo valor das reações que costuma suscitar, surge ainda mais claramente o seu caráter nocivo à vida. Em linhas gerais, a compaixão contradiz a lei da evolução que é a lei da *seleção*. Conserva o que está maduro para o declínio, luta em prol dos deserdados e dos condenados pela vida; e, pela abundância dos falhados de toda a espécie que *mantém* vivos, confere à própria vida um aspecto lúgubre e duvidoso. (...) Uma vez mais: este instinto depressivo e contagioso contradiz os instintos de conservação e de valorização da vida: como *multiplicador* da miséria, mais ainda como *conservador* de todos os míseros, é um instrumento essencial na acentuação da *décadence*; a *compaixão incita ao nada!*... (NIETZSCHE, 1895, p. 17).

No tocante aos fundamentos do Cristianismo, Nietzsche critica também os representantes deste, os pregadores e incentivadores desta moral escrava, que se fazem passar por pessoas puras e santificadas, digníssimas do respeito dos cristãos: os *sacerdotes*. Ora, para o filósofo, não há distinção entre um sacerdote e um idealista. O sacerdote impõe os valores morais e não se importa se tal moral é ilógica ou inválida perante a ciência, perante o entendimento da razão. Ele se coloca em posição superior, representante de uma verdade criada para ser universal, denominando-se purificado e santo. Isto é o que faz que os sacerdotes sejam iguais aos idealistas.

É também por esse viés que Nietzsche denuncia a estratégia do sacerdote ascético que se aproveita de doenças de homens esgotados, que manipula os indivíduos fracos e com alterações nervosas – homens superexcitados e exaustos, de natureza epileptoide. Conforme a interpretação nietzschiana, o Cristianismo, por intermédio desses sacerdotes, tem cooptado todo tipo de decadentes, prometendo mitigar as suas doenças, as suas fraquezas, prometendo o acesso a paraísos e pretensos estados supremos. (BARRENECHEA, 2009, p. 35).

A problemática está também na deturpação que tal posição sacerdotal causa: o efeito de que o sacerdote é o exemplo de um homem superior, o homem da força, representante da vida, quando na verdade é sua tarefa enfraquecer os outros afim de manter a suposta superioridade que acredita ter.

O idealista, tal como o sacerdote, tem na mão todos os grandes conceitos (e não só na mão!), e atira-os com um benévolo desprezo contra o “entendimento”, os “sentidos”, as “honras”, a “ciência”; vê tais coisas *abaixo* de si como forças perniciosas e sedutoras, sobre as quais paira o “espírito” no puro ser-para-si – como se a humildade, a castidade, a pobreza, em suma, a *santidade*, não tivessem até hoje causado infinitamente mais prejuízo à vida do que quaisquer horrores e vícios... O puro espírito é a pura mentira... Enquanto o sacerdote surgir como um tipo *superior* de homem, esse negador, caluniador e envenenador da vida por *profissão*, não haverá resposta para a pergunta: o que é a verdade? Virou-se já a verdade de cabeça para baixo quando o advogado consciente do nada e da negação se considera como o representante da “verdade”. (NIETZSCHE, 1895, p. 18).

Assim como os sacerdotes, que possuem seu papel na fixação social da moral cristã, existem ainda os *teólogos* como alvo da crítica nietzschiana. Esses dizem estudar sobre a existência e sobre as questões do divino. Ora, segundo o filósofo, também não há distinção entre estes dois: ambos são convictos de um único caminho para a vida e baseiam-se apenas na fé, negando a razão. Tirar das pessoas o direito de exercer seu próprio instinto, em nome do que é passional e empírico, é qualquer coisa distante do verdadeiro progresso; é estagnação, mentira, engano, ilusão. É necessário banir a moral dos fracos em nome da própria vida e para que ela siga seu curso natural.

A *fé* baseia-se numa crença particular. Afirmar algo em nome de sua própria fé, impor sua fé, tentar usar a fé como argumentação de um todo, é inaceitável a qualquer razão. O que o teólogo faz são afirmações de fé; o que um sacerdote faz são também afirmações de fé. E, neste sentido, julgam-se representantes do divino que sua própria fé alimenta e crê, e apenas nisso resumem-se. Claro que a substância desta fé, para Nietzsche, está diretamente relacionada com a resposta mais prática sobre o motivo da

existência. Mais prática, menos dolorosa, mais facilitadora, menos problemática. E, diante desta constatação, a credibilidade de sacerdotes e teólogos só é dada a eles por quem compartilha de sua mesma argumentação: a fé particular que subtendem aplicar de forma universal. Isto faz oposição à lógica, e naturalmente, oposição ao pensamento realista de Nietzsche.

O *pathos* que dele [o teólogo] emana chama-se *fé*: fechar os olhos perante si mesmo, de uma vez por todas, para não sofrer com o aspecto de uma falsidade incurável. Desta ótica falseada acerca de todas as coisas fabrica-se intimamente uma moral, uma virtude, uma santidade, liga-se a boa consciência a uma *falsa visão* – e após esta se ter tornado sacrossanta, sob os nomes de “Deus”, de “salvação” e de “eternidade”, exige-se que nenhuma *outra* ótica possa ter valor. (NIETZSCHE, 1895, p. 19).

Ainda nesta linha teológica, Nietzsche critica a relação entre filosofia e religião, acusando a Alemanha da época de produzir e apoiar teólogos no meio filosófico; neste sentido cita com ênfase o filósofo Immanuel Kant como exemplo. Kant sugere uma ética do imperativo categórico: uma regra moral afim de manter uma ordem a favor do bem comum. Nietzsche afirma que a Alemanha viu na filosofia kantiana uma proposta de mudança positiva, que traria o benefício da ordem, e por acreditar convenientemente nisso, defendeu sua ética afim de resgatar o seu moralismo de superioridade.

Todo sistema ético é sinal de doença e constitui, ao mesmo tempo, uma tentativa de remédio ou, pelo menos, uma tentativa de recuperação. Serve de muro de defesa, de proteção sistemática contra os indetermináveis impulsos do sexo e do egoísmo. Toda a ética é uma forma de auto rejeição, de agressividade, de crueldade, impulsos que as pessoas não ousam ou não conseguem assumir e expressar como tais. (GILES, 2003, p. 29).

Nietzsche é defensor declarado do instinto da vida e da natureza; assim, não pode ter uma visão positiva a respeito do imperativo categórico de Kant, nem tão pouco apoiar qualquer pensamento referente a uma moral coletiva dogmática. Para ele, com seu imperativo e sua ideia de bem relacionada ao homem, Kant rebaixou-se e rebaixou a filosofia com suas intenções de cunho religioso. Sua proposta de enumerar regras, a fim de definir valores, é vista por Nietzsche como uma afronta ao instinto do ser humano; e a aceitação do apoio alemão ao seu pensamento, é como uma traição filosófica em nome de um resgate nacionalista, pois apenas os próprios alemães acreditavam na recuperação de sua superioridade enquanto nação. Para Nietzsche, Kant passou a fazer parte da decadência a partir do momento que aliou-se ao moralismo, atentando assim

contra a essência da vida em si.

Kant propôs uma reconstrução das noções familiares de liberdade, responsabilidade e valor incondicional. Conforme a *Genealogia* deixa claro, Nietzsche não exclui esses valores, mas discute a estipulação crítica de que esses valores exaurem a esfera da moral. Portanto, Nietzsche questiona o *status* exclusivo tanto dos valores tradicionais como de sua reconstrução racional. (HATAB, 2010, p. 224).

Nietzsche percebeu um paralelo entre o relacionar do homem com o divino e o do animal superior entre todos os animais. É certo que o instinto do homem foi reprimido, e que durante muito tempo acreditou-se que a moral era parte do natural, a solução, a virtude. A identidade deste homem animal, de instinto, foi perdida no social ordenado. O animal foi adestrado e se desconhece. Nisto atentamos contra nós mesmos: foi por não perceber o nosso real lugar enquanto ser, que nos tornamos simplórios e modestos em todos os aspectos; nos permitimos conformar. O conceito do homem relacionado ao divino perdeu-se de vez e fomos rebaixados, tidos como inferiores à divindade; fomos separados deste termo, desta possibilidade.

A moral cristã, assim como a religião cristã como um todo, estão baseadas, segundo Nietzsche, em inverdades. Ora, nada é provado, nada é concreto, nada é verdadeiro. Os conceitos de Deus, espírito, alma, livre-arbítrio, pecado, salvação, juízo final, vida eterna, são simplesmente um amontoado de fantasias, de falsidades, nos quais o cristão se apega como explicação existencial, como solução à problemática da vida, deixando de perceber que tudo faz parte de uma estratégia. Utilizar a fé como argumento é inaceitável para justificar uma ideia de cunho universal. Em termos céticos e científicos, o que não pode ser provado, não é dado por válido.

Depois de se ter criado o conceito “natureza” como noção oposta a “Deus”, “natural” transformou-se necessariamente em sinônimo de “desprezível” - todo esse mundo de ficções tem a sua raiz no ódio contra o natural (a realidade!), é a expressão de um profundo mal-estar perante o real... Mas assim *tudo* se *explica*. (NIETZSCHE, 1895, p. 25).

Fica claro, pois, que para o filósofo, o Cristianismo não pode ser levado a sério por ser contrário à realidade, à vida em si, à natureza das coisas. E esta contrariedade fica clara a partir da análise das propriedades conceituais de religião e de sua moral. O Cristianismo é contrário a naturalidade da vida. O maior retrocesso na evolução do homem é ter aderido a sua moral e tomar por justificativa existencial sua religião. Não é possível avanços, não é permitido questionamentos, muito menos discordâncias: para

controlar isto criaram o conceito de *pecado*.

3.2 CONCEITUANDO DEUS

No Cristianismo, a vontade de poder tem aplicação inversa. Percebendo que possui dentro de si uma força maior, um além, algo de superior, o homem cria um Deus na semelhança do que possui dentro de si próprio, caracterizando-o de acordo com o poder de sua força interna, seu instinto de poder, passando assim a amar este Deus e venerá-lo, para depositar nele a credibilidade do que percebe dentro de si próprio. Claro que a força que há dentro de si pode ser positiva e/ou negativa; neste sentido, Deus é a forma de não responsabilizar-se pelos efeitos negativos que poderiam surgir, já que no Cristianismo, Deus também castiga e pode ser mal. A religião que ensina o crente a ser modesto, não permite que ele se sinta superior enquanto homem, ou que ele possa engrandecer-se; contudo, cria seu Deus a sua semelhança para poder louvar a si, sem remorsos ou culpa. Claro que esta concepção nietzschiana é vista como contrária a suposta real intenção cristã, e o filósofo tinha consciência dessa visão, mas é isso que acontece quando se crê na própria mentira: o cristão que se assume em posição de submissão não acredita que está curvando-se diante de si próprio, mas é só por saber inconscientemente disto que se permite rebaixar. É conveniente não acreditar nesta inversão; não seria “modesto” da parte dele.

Para Nietzsche, os cristãos fizeram do divino uma referência da decadência. “Deus degenerou-se em contradição da vida em vez de ser a glorificação dela e do seu ser eterno” (GILES, 1989, p. 39). Canalizaram a divindade do seu Deus à compaixão, à fraqueza, e o submeteram aos níveis mais baixos em nome de um bondade quase que obrigatória:

Onde quer que, de qualquer forma, a vontade de poder se encontre em declínio, há sempre também uma regressão fisiológica, uma *décadence*. A divindade da *décadence*, castrada nas suas virtudes e impulsos viris, converte-se forçosamente no Deus dos fisiologicamente regredidos, dos fracos. Esses *não* se chamam a si mesmos “fracos”; dizem-se “bons”... (NIETZSCHE, 1895, p. 27).

A força do Deus cristão é anulada por eles próprios à medida que exaltam seu lado piedoso; e o único momento em que assumem a sua real força, é quando lhe apontam o lado negativo afim de referenciar um Deus vingativo, que castiga os pecadores. É de extrema contradição que o sentido literal da palavra força seja tão

divergente da força divina que o Cristianismo prega ter o seu Deus. As virtudes de um Deus estão diretamente ligadas à sua força e à sua superioridade. O Cristianismo cria assim uma nova forma de divindade: seu Deus se reduz a tudo que há de fraco e de hipócrita. Ele é um Deus bom apenas na medida que seus mandamentos são seguidos, em contrapartida é um Deus vingativo, quando contrariado por seus fiéis. Bondade só é sinônimo de compaixão em aparência; mas no Cristianismo sem máscaras é simplesmente uma “virtude” do fraco, numa religião fraca, que criou um Deus fraco.

Quando os pressupostos da vida *ascendente*, tudo o que é forte, valoroso, dominante, orgulhoso, se eliminam do conceito de Deus; quando Este, passo a passo, decai e degenera em símbolo de um bastão para cansados, de uma tábua de salvação para os que se afogam; quando se torna o deus dos miseráveis, o deus dos pecadores, o deus dos doentes *par excellence*, e o atributo “Salvador”, “Redentor” resta, por assim dizer, como o predicado divino em geral: o que dirá uma tal metamorfose, uma tal *redução* do divino? (NIETZSCHE, 1895, p. 27).

Isto significa que para o filósofo há uma deturpação significativa e até visível no conceito do Deus cristão. Enquanto o conceito geral relaciona a divindade ao que é supremo, ao poder, ao superior, a força, o Cristianismo o resume à fraqueza a medida que lhe atribui características simplórias, frisando sua força apenas quando se refere ao lado negativo do divino. Como afirmam a bondade de seu Deus coagindo os crentes a preferirem vê-lo bom que em ira? Como possuem discurso tão duplo quanto a personalidade de um Deus que tornou-se populoso por ser bom? Neste sentido, deixam claro que seu Deus é bom quando convém, isto é, quando seus servos seguem em obediência a moral cristã; do contrário, Deus é mau e deve ser temido. Vejamos nas palavras de Nietzsche o que o Deus cristão é aos seus olhos críticos:

O conceito cristão de Deus – Deus como Deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos mais corruptos conceitos de Deus que sobre a Terra se obtiveram: representa até, possivelmente, o mais baixo nível da evolução declinante do tipo divino. Deus degenerado em *contradição com a vida*, em vez de ser a sua glorificação e o seu eterno sim! Expresso em Deus o ódio à vida, à natureza, à vontade de viver! Deus, a fórmula para toda a difamação do “aquém”, para toda a mentira do “além”! O nada divinizado em Deus, a vontade do nada santificada!... (NIETZSCHE, 1895, p. 28).

O filósofo também questiona o fato de não se ter trocado ou criado um novo Deus mesmo depois de dois milênios passados. Que mesmo depois das comprovadas falhas e situações a desejar, os novos adeptos europeus não tenham inventado um novo Deus

para adorar; Deus este, no mínimo, superior as características que personalizam o atual como rei de uma infinita fraqueza.

3.3 RELIGIÕES DA DECADÊNCIA

Apesar de também considerá-la como uma religião decadente, Nietzsche admite no *Budismo* superioridade em relação ao Cristianismo, já que este primeiro baseia-se na realidade humana para evoluir seu espírito, enquanto que o último se mostra contra a vida e seus instintos naturais. Enquanto que o Budismo, por exemplo, propõe combater o sofrimento afim de superá-lo e vê-lo como sendo característica da existência humana, o Cristianismo, por sua vez, o considera como sendo consequência do pecado cometido; aponta em seu seguidor uma mancha do pecado que traz como merecimento o sofrimento, utilizando-se *a posteriori* do discurso de que isto “é bom”, é a maneira “como Deus ensina aos seus filhos”. Em outras palavras, no Cristianismo, “o sofrer, em última instância, é o que impele o homem a uma ordenação do mundo em que a ideia do mal seja necessária; com isso ele projeta no mundo algo que seja responsável pelo seu sofrimento.” (LIMA, 2006, p. 190). Sendo assim, o Budismo se mostra uma religião positivista, contrariando o negativismo do cristão. Há, por assim dizer, diferença extrema na forma como é encarada a vida e o cuidado espiritual entre ambas; e o fato do Budismo basear seus ensinamentos de acordo com a vida real (e não numa vida eterna após a morte) o deixa a frente do Cristianismo, que em nome de uma falsa moral faz seus fiéis levarem suas vidas de forma depreciativa na espera de algo melhor e futuro, ao invés de buscar fazer esta melhor.

O Cristianismo quer tornar-se senhor de animais predadores; o seu meio é torná-los *doentes* – o enfraquecimento é a receita cristã para a *domesticação*, para a “civilização”. O Budismo é uma religião para o termo e o cansaço da civilização; o Cristianismo nem sequer a encontra diante de si – de certo modo cria-a. (NIETZSCHE, 1895, p. 33).

Apesar de frisar através dessa comparação, que não há como evoluir espiritualmente na religião cristã, também não é intenção de Nietzsche levar seus leitores a aderir a religião budista; isso deve ficar claro. A comparação é feita para que melhor se perceba que, mesmo diante de uma outra religião considerada igualmente decadente para ele, o Cristianismo possui falhas tão claras e reais que necessita de anulação, pelo fato de estar se alastrando e sendo considerada a moral predominante

na sociedade.

Dando sempre ênfase na fraqueza seja como sua base moral, seja como método utilizado, o Cristianismo não busca trabalhar o espírito com foco na transformação e elevação, porém enfraquece-o com tormentos mentais, com a culpa através do pecado, com a lembrança dos castigos de um Deus que se deve temer. O alvo não é a vida, mas o aumento do número do rebanho, o dogmatismo, a crença que traz respostas facilitadoras. O Cristianismo faz, segundo o pensamento nietzschiano, com que a massa o necessite através da manipulação, falseando para seu povo suas condições de pecadores, errantes, fracos, dependentes, apresentando como única solução a sua moral, que conseqüentemente seria caminho irremediável para a salvação. Até lá, inquisições, comercializações, contradições, armadilhas e artimanhas sustentam a base desta religião niilista.

Julgar-se-á a vida de acordo com os valores ditos superiores à vida: estes valores piedosos opõem-se à vida, condenam-na, conduzem-na ao nada; só prometem a salvação às formas mais reativas, às mais fracas e às mais doentes da vida. Esta é a aliança do Deus-Nada e do Homem-Reativo. Tudo está invertido: os escravos chamam-se senhores, os fracos chamam-se fortes, a baixaza chama-se nobreza. (DELEUZE, 1965, p. 27).

Para o mal que ocorre em nossas vidas, o Cristianismo tem a quem culpar: o diabo. Outra invenção sua. Não se pode combater o sofrimento pois o diabo é quem está a atormentar. Ora, não há nada mais fácil que achar a quem culpar, e no caso do Cristianismo, se cria. Tal sofrimento aos olhos cristãos não pode ser trabalhado e muito menos superado: este deve ser suportado por merecimento, em nome de um sentimento de culpa, que alimente a popularidade desta religião.

O que o Cristianismo chama de virtudes cristãs, Nietzsche denomina de “habilidades cristãs” (NIETZSCHE, 1895, p. 34); são elas a fé, a caridade e a esperança. Três sentimentos necessários como pilares para o Cristianismo, sem dúvidas. A fé que cega a razão, a caridade que nega o egoísmo natural do ser e a esperança que diz libertar o povo de seu sofrimento através da “vida eterna”; sem falar dos personagens e suas aparências propositais, na atração de homens e mulheres: a virgem Maria para atrair o masculino e o Jesus jovem e belo para atrair o feminino. Devemos destacar aqui as razões do porquê a filosofia nietzschiana causar um impacto tão negativo na maioria das pessoas: isso provém da forma direta na qual expressa o seu pensamento diante de uma sociedade de moral cristã. E este modo direto de mostrar suas ideias e sentimentos, é a característica principal que o consagrou no meio filosófico.

Para que o *amor* seja possível, Deus deve ser uma pessoa; para que os instintos ínfimos se possam expressar, Deus deve ser jovem. Para o fervor das mulheres, há que pôr em primeiro plano um belo santo; para o dos homens, uma Virgem Maria. Isto no pressuposto de que o Cristianismo pretende tornar-se senhor num terreno onde o culto de Afrodite ou de Adônis já determinou o *conceito* do culto. A exigência de *castidade* reforça a veemência e a interioridade do instinto religioso – torna o culto mais ardente, mais entusiasta, mais intenso. (NIETZSCHE, 1895, p. 34).

4 A ORIGEM DO CRISTIANISMO

Quando Nietzsche afirma que o Cristianismo tem por falha a originalidade, ele quer dizer que o mesmo é simplesmente cópia de uma outra religião, que por sua vez lhe deu as raízes. Ora, o Cristianismo nasceu, teve sua raiz no *Judaísmo*. Necessitando afirmar-se, o povo judeu opta por destacar-se a qualquer preço e, nesta disposição a tudo, falsificaram a natureza das coisas. Escolheram por abrir mão da vida como ela é, lançando, assim, novas condições existenciais que soassem como o real, o correto, transformando de maneira pervertida o culto, a moral, a história, a psicologia, numa contradição disfarçada que pudesse beneficiar a si próprios.

Deparamos mais uma vez com este mesmo fenômeno e elevado a proporções incalculáveis, se bem que apenas como cópia: a Igreja Cristã, em comparação com o “povo dos santos”, carece de toda a pretensão à originalidade. Os judeus são, pois, o povo *mais funesto* da História Universal: no seu efeito ulterior, de tal modo falsearam a Humanidade que ainda hoje o cristão se pode sentir antijudeu, sem a si mesmo se compreender como a *última consequência do judaísmo*. (NIETZSCHE, 1895, p. 35).

A moral judaica tem sua fundamentação no que Nietzsche denomina de *ressentimento*. O ressentimento foi alimentado ao longo dos anos pelo sentimento de inferioridade natural dos fracos em relação à moral da nobreza, dos fortes. Tal ressentimento é o gerador do ódio acumulado pelos judeus, que se vitimizam ante sua condição plebeia, voltando-se contra a vida e a natureza das coisas. “O ressentido é alguém que nem age nem reage realmente; produz apenas uma vingança imaginária, um ódio insaciável.” (MACHADO, 1999, p. 64). Criaram assim uma “fantasia” própria para que nela se sobressaíssem como senhores. “Mas, na verdade, os fracos, os escravos não triunfam por adição das suas forças, mas por subtração da força do outro: separam o forte daquilo que ele pode. Eles triunfam, não pela composição do seu poder, mas pelo poder do seu contágio. Acarretam um devir-reativo de todas as forças. É isso a degenerescência.” (DELEUZE, 1965, p. 25). Segundo o filósofo, o povo judeu é um povo condicionado à plebe, à fraqueza e à inferioridade; suas tentativas de se destacarem apenas comprovam que eles utilizam de formas não naturais para tentarem alcançar o lugar que não lhes cabe, que não nasceram para possuir. Assim, diz Nietzsche:

Para poder dizer não a tudo o que na Terra representa o movimento *ascendente* da vida, o são desenvolvimento, o poder, a beleza, a

autoafirmação, importava aqui que o instinto de *ressentimento*, transformado em gênio, inventasse para si um outro mundo, a partir do qual a *afirmação da vida* lhe surgisse como o mal, como o reprovável em si. (NIETZSCHE, 1895, p. 36).

Neste sentido, não poderia ser diferente que o Cristianismo, enquanto prosseguimento do Judaísmo, fosse igualmente negador da vida. Ambas descendem de uma linhagem sacerdotal, ou seja, descendem da decadência por excelência. O prazer destas, segundo o filósofo, é adoecer a humanidade alterando em prol de si mesmas os conceitos de bem e mal, de verdadeiro e falso, até criarem uma nova visão que as favoreça. Um berço da negatividade onde o princípio é o ressentimento, motor doente e perverso da humanidade.

Em outros termos, praticar a moral de escravo é fazer da necessidade uma virtude. Uma tal moral pode perfeitamente acompanhar um ódio impotente e uma inveja sem medida, próprios daquele ressentimento que de nada gostaria tanto quanto da vingança. Mas estar acima de qualquer ressentimento ou desejo de vingança é sinal da verdadeira força. (GILES, 1989, p. 43).

A história de Israel é vista também, neste sentido, como a história da desnaturalização dos valores. Em seu início, sob o comando do Deus Javé, reinava a paz. O povo judeu vivia de forma natural e harmoniosa e viam em seu Deus a salvação, a justiça e a prosperidade; viviam bem até mesmo quando a anarquia se instalou entre o próprio povo judeu, ou seja, com o domínio dos assírios sobre Israel. Mas, a partir deste caos, o Deus Javé tornou-se referência de descrença, incapaz de recuperar a ordem diante do que foi provocado pelo próprio povo e, por isso, caiu em desnaturalização. Javé passou a ser “um Deus sob condições.” (NIETZSCHE, 1895, p. 37).

O seu conceito torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais, que agora interpretam toda a felicidade como prêmio, toda a infelicidade como castigo pela desobediência perante Deus, pelos “pecados”: aquele estilo interpretativo falsíssimo de uma pretensa “ordem moral do mundo” com que, de uma vez por todas, se subverte o conceito natural de “causa” e “efeito”. Se primeiro se removeu do mundo, com o prêmio e o castigo, a causalidade natural, precisa-se de uma causalidade *antinatural*: todo o resto de segue agora da inatureza. (NIETZSCHE, 1895, p. 37).

O que o filósofo quer demonstrar, é que através de seu sentimento de culpa em relação ao Deus Javé, o povo judeu criou novas circunstâncias e situações; o “castigo”, neste caso, entra como auto punição pelo que eles mesmos ocasionaram. A fraqueza

judaica levou-os a criar uma moral baseada na hipocrisia e na incapacidade do reconhecimento de seu erro, moral esta que vê como merecimento um ganho e merecimento também um castigo, moral antinatural criada apenas para o alívio de suas culpas. Em se tratando da história do povo judeu, Nietzsche explicita com repugnância o fato de terem desconsiderado sua tradição histórica nacional, descrevendo-a de maneira unicamente religiosa; e tudo isso para colocar a culpa no Deus Javé e pregar a prática do “prêmio” e do “castigo”.

Obedecer ou desobedecer virou tema central das religiões decadentes em questão. Uma moral intercalada, herdada, aliada, que submete o ser humano à má consciência, à culpa, ao arrependimento, ao medo, ao horror, à todos os sentimentos negativos que enfraquecem e reprimem o homem a se reconhecer como forte e superior. Uma moral que se estende ao longo dos anos, silenciosa e imperceptível pra quem a vive, uma doença que a contamina. “O que caracteriza a moral é ela ser a maior caluniadora e envenenadora da vida”. (MACHADO, 1999, p. 67). Um homem alienado pela moral religiosa perde o controle de sua própria vida. Surge o parasitismo social e existencial, miserável em sua realidade decadente e humilhante, sempre na espera do julgamento diante do conceito alheio de bem e mal... Uma vida real que desanda na busca pela “vida eterna”.

Acreditar no poder sacerdotal como sendo vontade de Deus é, no mínimo, decadência. O que o sacerdote quer, ele alega ser da vontade superior de Deus; neste sentido fica fácil denominar-se sacerdote; difícil é, porém, provar racionalmente tal afirmação. Para Nietzsche, a linha é tênue entre “santificar” e “desnaturalizar”. Ténue também é o espaço que separa Deus e o sacerdote: é necessário enxergar que ambos são o mesmo nestas religiões, eles não podem oferecer nada mais que falsificações diante da sua origem na mediocridade.

Se faz necessário pecar! Ora, e o que mais dá movimento a esta moral punidora? É preciso pecar para dar continuidade a ilusão da culpa; é preciso pecar para que o sacerdote continue a impor suas regras responsabilizando Deus; é preciso acreditar que o pecado é real para que ainda haja uma única pessoa que acredite nesta farsa. Todos que temem ou que são adestrados a temer necessitam de uma “religião do amor”, que ofereça compaixão e esperança para sofrer ainda mais. É o que sobra para quem não encara o sofrimento como degrau necessário para a ascensão ao *Übermensch*.

5 O REDENTOR E “SUA” IGREJA

Continuemos nossa reflexão acerca da filosofia nietzschiana a partir de uma citação:

O “Reino dos Céus” é um estado do coração – não algo que vem “para além da Terra” ou “após a morte”. No *Evangelho*, falta o conceito global da morte natural: a morte não é uma ponte, uma passagem; ela falta porque se inscreve num mundo de aparências, totalmente diferentes, apenas útil para os signos. A “hora da morte” não é um conceito cristão – a hora, o tempo, a vida física e as suas crises não existem sequer para o mestre da “Boa-Nova”... O “Reino de Deus” não é algo que se espere; não tem um ontem e um depois de amanhã, não vem dentro de “mil anos” - é uma experiência num coração; está em toda a parte, e não está em parte alguma... (NIETZSCHE, 1895, p. 50).

Talvez pareça irônico ler este trecho de sua obra; vindo de Nietzsche, o defensor da lógica dos fatos. Mas é justamente nas entrelinhas de suas palavras que se compreende melhor o contexto e objetivo de sua crítica. Nietzsche não repreende a fé em si, e sim a moral, que utiliza-se da fé alheia para implantar conceitos e interpretações errôneas dos fatos naturais. Percebemos na citação, que o Cristianismo dá aparência física a estados e a sentimentos, assim como utiliza de metáforas para temas de cunho físico e real. Tais reagrupamentos, que só tem por utilidade confundir, negam aos fiéis a possibilidade de ver os fatos como eles realmente são; dão a estes interpretações mágicas, fantasiosas, menos “dolorosas”.

Neste sentido, segundo o filósofo, Jesus Cristo também não morreu para redimir “os homens e seus pecados” como é ensinado no Cristianismo, e sim, morreu para mostrar como se deve viver. Seu verdadeiro ato extremo não foi a morte na cruz, mas o modo como levava sua vida, ou seja, de forma justa, enfrentando, com dignidade e determinação os que se diziam mais fortes. Jesus Cristo deixou para a Humanidade o seu exemplo de vida e não a penitência de velar sua morte. Até para morrer na cruz Jesus Cristo soube viver, quer dizer, não tentando remediá-la, não voltando atrás, não resistindo; e enquanto ele poderia ter razões para odiar, considerou que se deveria amar a quem o odiava... até seu fim. Quando Nietzsche fala sobre os conceitos que nos foram passados como aparentes e que na verdade não são, estava se referindo, por exemplo, ao momento de conversação entre Jesus e o ladrão (pregado também numa cruz ao seu lado); o ladrão dizia *crer* que Jesus era realmente um homem divino, um filho de Deus, ao passo que Jesus lhe responde que se assim ele *crê*, então ele *sente o paraíso*

e já está nele. Conseqüentemente, o físico e o espiritual se confundem no Cristianismo, graças a sua deturpação dos fatos; e neste sentido o amor pela vida é negado, assim como o empobrecimento do homem tende cada vez mais à “evolução”.

Somente nós, espíritos *libertados*, temos o pressuposto para compreender algo que 19 séculos não entenderam – aquele instinto e paixão, transformados em proibidade, que faz a guerra contra a “sagrada mentira”, mais ainda do que contra todas as mentiras... Estava-se indizivelmente longe da nossa neutralidade amável e cautelosa, da educação do espírito com que se torna possível adivinhar coisas estranhas e delicadas: pretendia-se sempre aí, com um egotismo impudente, apenas a sua vantagem, e a partir da oposição ao evangelho construir a *Igreja*... (NIETZSCHE, 1895, p. 51).

“... e a partir da oposição ao evangelho construir a Igreja...”: vemos, assim, o que Nietzsche entendia como fundamento do Cristianismo e como identificava os que enxergaram esta verdade: – os espíritos libertados. Tais seres são os que conseguiram desprender-se dos ensinamentos e interpretações errôneas desta religião. Eles perceberam mentiras em sua moral. Assim, encararam com coragem e renunciaram o ódio à vida. Para Nietzsche, a Igreja é nada menos que uma farsa que se utiliza do evangelho para alienar os cristãos com sua própria interpretação histórica; sua única intenção é ascender ao poder e dominar as massas.

Em todo seu pensamento crítico é perceptível a revolta que o filósofo carrega em suas palavras. Atormentado com as verdades que alcançou, sentia-se cada vez mais sozinho. Apesar de todas as suas obras serem uma espécie de desabafo sobre as coisas que envolvem a humanidade, é comum deparar-se com aforismos que acabam por chamar mais atenção pelo modo como Nietzsche expressa sua exaustão e tormento presentes em sua alma. Vejamos a seguir um exemplo destes aforismos. A partir de sua sinceridade e modo tão direto de falar, o filósofo acaba fazendo entender a sua revolta quanto a este tema e como se sente diante de tudo isto enquanto também parte da humanidade que ele tanto hostiliza.

Não consigo neste lugar reprimir um suspiro. Há dias em que me assedia um sentimento, mais negro do que a mais negra melancolia – o *desprezo pelos homens*. E para não deixar qualquer dúvida sobre o *que* desprezo e a *quem* desprezo: é o homem de hoje, o homem de quem por fatalidade sou contemporâneo; o homem de hoje – sufoco com o seu hálito impuro... Perante o passado sou, como todos os clarividentes, de uma grande tolerância, isto é, de um generoso autodomínio: percorro com sombria circunspecção o manicômio de milênios inteiros, chama-se ele “Cristianismo”, “fé cristã”, “Igreja cristã” - abstenho-me de tornar a humanidade responsável pelas suas doenças mentais. Mas o meu sentimento altera-se subitamente, entra em erupção, logo que penetro na

época moderna, no *nosso* tempo. O *nosso* tempo é *sabedor*... O que outrora era simplesmente doença tornou-se hoje inconveniência – hoje é inconveniente ser cristão. *E aqui começa a minha náusea.* (NIETZSCHE, 1895, p. 52).

Nesse aforismo – um evidente desabafo – há dois pontos mencionados que merecem comentário: o seu “desprezo aos homens” e “a loucura humana” ao criar e seguir o Cristianismo. Ora, é só compreender o *Übermensch* para saber de onde provem este desprezo ao qual o filósofo se refere e sente: qualquer coisa que se aproxime do fraco, do baixo, do vulgar é, para Nietzsche, sinal de decadência; afasta do ser humano qualquer possibilidade de superioridade; e abrir mão desta superioridade é inaceitável para o filósofo. A loucura citada tem relação com a fragilidade do homem em aceitar respostas prontas que justifiquem a sua existência, que determinem o seu comportamento: a loucura de criar uma ideia, acreditar na própria ideia, corromper essa ideia e, por fim, perder-se nela – transformando-a em nada mais.

Olho à minha volta: já não resta uma palavra só do que antigamente se chamava “verdade”, já não aguentamos que um sacerdote ponha sequer na boca a palavra “verdade”. Mesmo na mais modesta pretensão de equidade, *deve* hoje saber-se que um teólogo, um sacerdote, um papa, e cada frase que pronuncia, não só se engana, mas *mente* – que já não lhe é dado mentir por “inocência”, por “ignorância”. Também o sacerdote sabe, como qualquer pessoa, que já não há “Deus”, nem “pecado”, nem “Redentor” - que a “vontade livre”, a “ordem moral do mundo” são *mentiras*: a seriedade, a profunda auto superação do espírito já não *permite* a ninguém ser a tal respeito ignorante... Todos os conceitos da Igreja se percebem como o que são, como a mais malévola amoedação que existe, com o fim de *desvalorizar* a natureza, os valores da natureza; o próprio sacerdote reconhece-se como o que efetivamente é, como a espécie mais perigosa de parasita, como a autêntica tarântula da vida... Sabemos, a nossa *consciência* sabe hoje o que em geral valem as intenções sinistras dos sacerdotes e da Igreja, *para que serviram*, com as quais se obteve este estado de auto violação da humanidade, a náusea que o seu espetáculo pode suscitar – os conceitos de “Além”, de “Juízo Final”, de “imortalidade da alma”, de “alma” são instrumentos de tortura, são sistemas de atrocidades, graças aos quais o sacerdote se tornou senhor, permaneceu senhor... Todos sabem isto: *e, apesar de tudo, tudo permanece no antigo.* (NIETZSCHE, 1895, p. 53).

O fato é que nem o próprio sacerdote acredita mais no que pronuncia – se é que um dia acreditou. A única verdade do Cristianismo finalmente aparece: a sua incondicional inverdade. E a partir do momento que se percebe uma ruptura, uma mancha, um desvio... a exposição e o decaimento é irremediável. Quando algo perde seu sentido, não há para as pessoas nada mais o que salvar: porque a única coisa que já não fez o Cristianismo cair por terra foi a fé de seus fiéis. Somente um método no qual não é necessário a existência de provas – como o sentimento de fé – poderia sustentar

a maior mentira de todos estes longos séculos.

Há ainda a defesa de justificar a postura sacerdotal. Ora, é muito dificultoso crer que pessoas que alcançaram cargos e posições tão importantes na Igreja, não saibam de seu fundamento fraco e de sua intenção deturpadora. É ilógico e mesmo pueril anular uma culpa deste porte ou mesmo transferi-la. Segundo Nietzsche, apesar de todas as falhas do Cristianismo, o único método que funcionou para dar-lhe continuidade – voltemos a frisar –, foi o despertar da fé nos fiéis. Porque diante da fé não se necessita provas, tudo pode ser justificado ou perdoado, até o mais cruel dos atos. Apenas um método que não se justifica a si mesmo pode sustentar uma religião de fundamento falseado. O fato é que, para se ter fé, não se precisa necessariamente do Cristianismo; mas o Cristianismo precisa da fé alheia para continuar existindo.

Os sacerdotes insistem sempre em seus sermões e discursos, em falar acerca de coisas que não existem: mas é claro que, através da constante repetição, mentiras se tornam verdades. Todos “esses instrumentos” foram estrategicamente pensados para acontecer exatamente somente após a morte: o “juízo final”, a “vida eterna”, a “alma imortal”. Qual é o fiel que poderá cobrar o que acreditou uma vida inteira depois de morto? Qual a fonte de garantia destas “sentenças”, destes “destinos” preestabelecidos? Apenas “morrendo” para saber! É fácil negar esta vida em nome de uma outra: justificativas são poupadas quando se inventa um mundo de fantasia, um mundo onde se cria o que se quer. Enganados pelas suas próprias fés, enganados por permitir que o lado mais fraco falasse mais alto, a resposta pronta que substituiu a procura agora é o niilismo. A verdadeira culpa, a ignorância e a inocência não recaí sobre os líderes da Igreja, mas sobre nós. É necessário assumir tais consequências; é necessário renascer através do *Übermensch*...

Para onde foi o último sentimento de decoro, de reverência para consigo mesmo, se até os nossos estadistas – uma espécie de homens aliás muito franca e profundamente anticristãos na ação –, se dizem ainda hoje cristãos e vão à comunhão?... Um jovem príncipe, à frente dos seus regimentos, cheio de garbo enquanto expressão magnífica do egoísmo e da presunção do seu povo – mas, *sem* qualquer pudor, confessando-se cristão!... A quem é que, afinal, o Cristianismo nega? A que é que ele chama “mundo”? O ser soldado, juiz, patriota, defende-se a si mesmo; aderir à sua honra; pretender a sua vantagem; ser *orgulhoso*... Toda a prática de cada instante, todo o instinto, toda a avaliação que se transforma em *ação*, são hoje anticristãos: e que *aborto de falsidade* deve ser o homem moderno para, apesar de tudo, *não sentir vergonha* em lhe chamarem ainda cristão!.. (NIETZSCHE, 1895, p. 54).

Há de fato uma outra contradição que incomoda Nietzsche: a de que pessoas de

cargos elevados e de gabaritos intelectuais superiores ainda se intitulem cristãos. Se o Cristianismo é a religião dos fracos, ela é a responsável pela moral dos fracos, é a negadora da vida como ela é. Como seria aceitável pessoas de tamanha importância rebaixarem-se a tão pouco, permitirem-se a tal ignorância? Quando o filósofo diz que toda prática, instinto, ação, são atitudes anticristãs, significa então que está havendo uma deturpação por parte de quem as tomam. Se estes são nossos modelos, exemplos da nossa sociedade, deveriam ser fiéis a posição que possuem. Mas a moral cristã dominou também a sociedade, confundiu as outras formas de poder, dominou as outras formas de poder. Da Igreja ao Estado, assim a Igreja se torna o próprio Estado.

Com isto, Nietzsche sente a vergonha que deveria caber a estes, a estes e a quem mais faça parte da Humanidade e se intitule cristão. Carrega a vergonha de fazer parte tanto da mesma sociedade, quanto da mesma espécie. Revolta-se contra o óbvio, contra o que tornou-se comum, contra os deturpadores da vida. Trava uma guerra em definitivo a partir de seu pensamento com todas as pessoas distribuídas ao redor do mundo que aderiram ao Cristianismo. É visível a decepção em suas palavras, mas também é invejável a sua esperança presente nas estrelinhas de seu discurso. Encara o fim do Cristianismo como a possibilidade de um novo começo através do *Übermensch*, mostrando assim não apenas a problemática dos fatos às pessoas, mas também a *solução* para inversão e melhoramento das coisas e de si mesmos. Diante disto, não há como rotular Nietzsche como sendo um filósofo pessimista: sua revolta não deve ser interpretada como um mal, mas como um bem que tem por finalidade atingir a todos, despertar o homem superior em cada ser humano, conscientizá-los a se livrarem de uma vez por todas da ideia de Deus, da Igreja, da religião, da moral cristã, e construir através de seu próprio esforço o seu destino, ter de volta as mãos nas rédeas, ser o próprio senhor da própria vida, assumindo suas escolhas, vivendo com consciência as consequências delas.

O filósofo modelo é aquele que, como o cirurgião, aplica o bisturi do seu pensamento em todos os valores da sua época como um Sócrates, para mostrar quanta hipocrisia, falta de autodisciplina se escondem debaixo do tipo mais honrado da moralidade contemporânea. Aquele que se atreve a rebelar-se contra os atuais conceitos, colocando-se, portanto, além do bem e do mal, é o protótipo do filósofo. (GILES, 1989, p 40).

5.1 O ÚNICO CRISTÃO E O ÚNICO EVANGELHO

Como o bom filólogo que nunca deixou de ser, além de filósofo, Nietzsche não conseguiu ver sentido na palavra Cristianismo, afirmando que historicamente só existiu *um* cristão. Inclusive, todo o Evangelho utilizado e frisado pela própria Igreja, segundo ele, também morre juntamente com Jesus Cristo na cruz. Portanto, além de frisar acerca da deturpação no Cristianismo no decorrer de seu pensamento, o filósofo também não vê nada de positivo ou de indiferente na própria origem do nome. É uma religião destinada ao fracasso. Para Nietzsche, o termo “cristão” não é nada mais que uma “auto incompreensão psicológica” e que, na realidade, após Cristo, “nunca houve cristão algum” (NIETZSCHE, 1895, p. 55).

Apesar da moral cristã frear os instintos, guiar através de regras, determinar comportamentos, limitar o indivíduo enquanto ser natural, o filósofo percebe que a substância da fé é justamente a força incontrolável desse instinto. A motivação por trás da palavra fé é simplesmente o egoísmo da escolha própria; egoísmo este tão natural como qualquer outra característica primitiva do ser humano. Nietzsche cita, como exemplo, Lutero. Como a história assim nos conta, ele se insurgiu contra a ordem da Igreja, traduzindo o Evangelho de uma língua que era até então considerada sagrada para uma língua popular, afim de que as pessoas comuns tivessem livre acesso à leitura. Assim, Lutero se mostrou fiel ao que *e/le* tomou como certo: o Evangelho, não a Igreja. Sua atitude foi um impulso dominado por sua própria escolha, pelo que *e/le* considerava correto, por seu instinto natural camuflado de fé. Este é realmente um considerável exemplo a dar sobre o fracasso da moral cristã: muitas pessoas rotularam Lutero de “herege” por quebrar as regras religiosas mas, por outro lado, a sua atitude pôde mostrar aos que o apoiaram as falhas no caráter religioso.

A “fé” foi, em todas as épocas, por exemplo, em Lutero, apenas uma capa, um pretexto, um *véu*, por trás do qual os instintos realizavam o seu jogo – uma sagaz cegueira perante a dominação de *certos* instintos... A “fé” - já lhe chamei a genuína *sagacidade* cristã. Falou-se sempre de “fé”, mas *agiu-se* sempre apenas por instinto... No mundo imaginário do cristão, nada ocorre que toque sequer a realidade efetiva: pelo contrário, reconhecemos no ódio instintivo a toda a realidade o elemento impulsor, o elemento unicamente propulsor, na raiz do Cristianismo. (NIETZSCHE, 1895, p. 55).

Segundo Nietzsche, por mais que se tente limitar o instinto, isto sempre será uma tentativa temporária, será algo que não se controla por mais que se ache, nem desaparece mesmo que camuflado. O instinto como parte fundamental do nosso natural, é característica própria, não opcional. Lutar contra ele será sempre uma luta perdida.

Nietzsche fala ainda sobre o judaísmo dominante da época como responsável

pela morte de Jesus Cristo; morte essa questionada e lamentada por seus seguidores. Inconformados pela forma e pela causa desta, não seguiram o ensinamento do próprio Jesus, e tomados por ressentimento, obstinaram-se a vingar seu falecimento. Eles tomaram uma posição, segundo Nietzsche, que nada tem a ver com o Evangelho e, através de sua sede de vingança, acabaram por prolongar o tema da morte de Jesus, canalizando-a para um lado contrário ao pensamento do próprio Cristo. Os fiéis não consideraram à morte de Jesus Cristo como o fim do “Reino de Deus”. Ao invés disso, se propuseram a continuá-lo em nome de uma vingança, mesmo que sem a presença do próprio filho dele. Neste sentido, elevaram o nome de Jesus de forma exagerada, até o ponto de perder a sua própria essência. O ressentimento aqui, mais uma vez, se fez presente como substância do Cristianismo e do judaísmo. Estes fiéis que se intitulavam “cristãos”, alienados pelos ditos de Paulo, foram os mesmos que responsabilizaram Deus pela morte de seu filho, por ter sacrificado Jesus em nome dos pecados alheios. “Como de súbito se acabou o Evangelho!” (NIETZSCHE, 1895, p. 57), afirma Nietzsche, mostrando a contradição dos que se diziam seguidores de Cristo. O próprio povo de Deus acusando-o de barbárie e crueldade; para Nietzsche, isso seria mais paganismo que sentimento cristão.

Para Nietzsche, a ideia paulina de que Deus teria dado seu próprio filho para redenção, para perdão dos pecados, como sacrifício na forma mais revoltante e bárbara, o sacrifício do inocente como substituto para o culpado é a mais horrível forma de paganismo. Crer em tal absurdo é burlar o próprio Evangelho. (GILES, 1989, p. 41).

O filósofo faz uma defesa a Jesus Cristo, ao contrário do que muitos pensam e, do que o título da obra pode fazer interpretar. Como dito anteriormente, ele critica o Cristianismo pelo fator primeiro de não existir outro cristão a não ser o próprio Cristo, sendo o resto deturpação. Nietzsche defendia que Jesus soube lidar com sua divindade enquanto homem sem se auto glorificar ou tomar isto como privilégio para destacar-se entre os demais. Com a ideia de ressurreição aclamada por muitos e pregada por Paulo, o Evangelho reduziu-se a uma espera ilusória da volta de Cristo, sendo que todos depositaram sua fé unicamente neste retorno. Se por ignorância ou por inocência, o Evangelho se tornou erroneamente a partir disto uma “doutrina insolente da imortalidade pessoal.” (NIETZSCHE, 1895, p. 58).

Seguindo *O Anticristo*, poderíamos considerar o tipo sacerdotal também como o resultado da consolidação do Cristianismo. Nesse processo, a

figura de Cristo não é a grande vilã: é a construção do Cristianismo que está em jogo. Segundo Nietzsche, o tipo psicológico do Galileu (*O Anticristo*, §24) é reconhecido sob sua degeneração – o tipo psicológico do redentor. Em outros termos, seria antes Paulo do que Cristo a ser combatido aqui (*Aurora*, §68 e *Além do bem e do mal*, §251). (BRANDÃO, 2011, p. 40).

Novamente usando de comparação, Nietzsche mostra a diferença entre o budismo e o Cristianismo, mesmo sendo religiões iguais em decadência. O budismo cumpre o que sugere por utilizar-se da realidade para encarar qualquer problemática; o Cristianismo, por sua vez, vive a espera do que promete mesmo não cumprindo nada. Não há como prosperar no Cristianismo, como evoluir, ou mesmo transcender-se. A moral que limita é a mesma que aprisiona.

Jesus Cristo teve seu Evangelho completamente deturpado após sua morte e a esperança de paz deu lugar à guerra e às promessas vãs (promessas essas criadas e sustentadas por Paulo). Sobre o apóstolo, diz Nietzsche:

Em Paulo, personifica-se o tipo antagônico ao do “alegre mensageiro”, o gênio no ódio, na visão do ódio, na implacável lógica do ódio. Quantas coisas este disangelista sacrificou ao ódio! Acima de tudo, o Redentor: cravou-o na *sua* cruz. A vida, o exemplo, a doutrina, a morte, o sentido e o direito de todo o Evangelho – já nada existia, quando este falso moedeiro se apoderou por ódio de tudo o que só a ele poderia ser útil. *Não a realidade, não a verdade histórica!* (NIETZSCHE, 1895, p. 58).

O questionamento que Nietzsche levanta a partir de suas observações é o seguinte: Quem mais, além do próprio Cristo, poderia dar continuidade a seu evangelho? Continuidade no sentido literal, original, na condição de fundamento. Paulo, em termos de originalidade, jamais poderia dar continuidade ao Evangelho. Neste sentido, o filósofo o acusa de propagar o puro ódio, de utilizar a sua própria interpretação nas coisas que pregava, de rebaixar o Evangelho ao sentimento decadente do fraco: ao ressentimento. Paulo apoderou-se da palavra que não era dele e, se dizia cristão, assim como tantos outros.

Paulo queria o fim, logo, queria também os meios... Aquilo em que ele próprio não acreditava era objeto de fé para os idiotas, entre os quais ele lançara a sua doutrina. A *sua* necessidade era o *poder*; com Paulo, o sacerdote quis mais uma vez o poder – e só podia utilizar conceitos, doutrinas, símbolos, por meio dos quais se tiranizam as multidões e se formam rebanhos. O que é que, mais tarde, Maomé foi apenas buscar no Cristianismo? A invenção de Paulo, o seu meio de tirania sacerdotal, para o arrebanhamento: a fé na imortalidade – isto é, a *doutrina do “juízo”*... (NIETZSCHE, 1895, p. 59).

Ao lançar *sua* doutrina, Paulo lança uma nova ideia, uma promessa as custas do verdadeiro Redentor. Alegando dar continuidade a obra de Cristo, alcança fiéis para si próprio, propagando a volta de Jesus, incitando a espera de seu retorno, e o desprezo por esse mundo e essa vida. “A morte e ressurreição do Cristo abrem a porta para a promessa de redenção noutra mundo, desprezando-se este integralmente.” (LIMA, 2006, p. 188). Assim, segundo Nietzsche, Paulo desperta a vontade dos sacerdotes que almejam também ter poder e, conseqüentemente, seguidores, afim de poder manter-se em suas posições. O filósofo acusa Paulo de deturpação histórica, o que seria apenas mais uma, das tantas falhas já apresentadas por ele acerca do Cristianismo.

Conforme Nietzsche, a ressurreição é um símbolo impressionante que se transformou num conceito absurdo por ter-se tornado dogma de fé, pois a ideia de uma vida após a morte motivou historicamente a desvalorização desta vida. (GILES, 1989, p. 41).

Diante os fatores que Nietzsche nos traz, encontramos uma posição que pode pretender abalar as bases da moral cristã. Uma forma mais objetiva e direta de pensamento crítico, que desperta dúvidas sobre todos os ângulos deste tema. “Se alguém nos demonstrasse o Deus dos cristãos, ainda menos acreditaríamos nele” (NIETZSCHE, 1895, p. 67). O filósofo aponta o niilismo como consequência do não questionar da doutrina cristã. Até por que, para ele, o fato de segui-la diante de tantas falhas muitas vezes óbvias, já é não questioná-la, não enxergá-la como realmente é. Não questionar o Cristianismo é viver em mentira, é comportar-se baseado numa moral de mentira. Enquanto que questioná-lo, é tornar-se alvo de uma massa contrária, que não sabe o que diz (a começar, para o filósofo, intitulando-se cristãos quando apenas um Cristo existiu). Eis, para Nietzsche, as armadilhas presentes no Cristianismo.

Nietzsche não quer provar que Deus não existe, como faziam os ateus. O que lhe interessa é mostrar como e por que surgiu e desapareceu a crença de que haveria um Deus. A “morte de Deus”, condição, pressuposto histórico dos principais temas expostos no *Zaratustra*, é a constatação do niilismo da modernidade; é o fato de que “a fé no Deus cristão deixou de ser plausível”; é a evidência de que a fé em Deus, que servia de base à moral cristã, se encontra minada, de que desapareceu o princípio em que o homem cristão fundou sua existência; é o diagnóstico da ausência cada vez maior de Deus no pensamento e nas práticas do Ocidente moderno; é a percepção de alguém dotado de uma capacidade de suspeita penetrante, de um olhar sutil, do “maior acontecimento recente”: a desvalorização dos valores divinos. (MACHADO, 1997, p. 47).

Deve-se atentar ao fato de Nietzsche ter saído em defesa de Jesus Cristo e apontar a má utilização do Evangelho por Paulo. É evidente que Nietzsche não ataca Jesus, mas também não o tem como seu Deus. O filósofo critica também a deturpação da leitura do Evangelho sem tomar suas leis para si. Ele narra o seu ponto de vista sobre a moral cristã tentando, talvez, fazer justiça a uma determinada parte da história, sem adotar uma postura religiosa. Já ficou explícito que a superioridade que Nietzsche aguarda não advém de uma ressurreição, mas sim do pós niilismo, a superioridade do ser humano enquanto *Übermensch*.

Assim, é muito mais aquilo no que transformaram Jesus – no redentor, no crucificado – que representa e acompanha, como tipo, o processo civilizatório europeu (nesse sentido, o tipo sacerdotal no Cristianismo, segundo Nietzsche, tanto anseia por poder como necessita de escravos e fracos). Para total prejuízo do protagonista, já que os modos como ao longo dos séculos Jesus foi descrito (gênio, herói, entre outros) e a tradução de seus ensinamentos (a morte e seu sentido, por exemplo) falsificaram o sentido de sua doutrina original. (BRANDÃO, 2011, p. 40).

O filósofo aponta à característica de “mentir santamente” (NIETZSCHE, 1895, p. 61) de forma natural como uma herança do judaísmo para o Cristianismo; “uma aprendizagem e técnica judaica de muitos e muitos séculos” (NIETZSCHE, 1895, p. 61). Todos os conceitos, valores e símbolos, são por ambas as religiões compactuados e representados pelos sacerdotes, sendo estes os únicos meios “corretos” e “verdadeiros”, diante quaisquer outros de se alcançar “benefícios divinos”. O conceito ameaçador de inferno é posto em destaque quando qualquer uma das regras estabelecidas pela moral cristã é quebrada ou questionada. E, apesar dos sacerdotes pregarem o ensinamento de não julgar os seus semelhantes, julga-nos sem hesitar.

Ao deixarem Deus julgar, são eles próprios que julgam; ao glorificarem Deus, é a si mesmos que glorificam; ao exigirem as virtudes de que justamente são capazes – mais ainda, de que têm necessidade para em geral permanecerem por cima – assumem a aparência grandiosa de uma luta pela virtude, de um combate pela dominação da virtude. (NIETZSCHE, 1895, p. 62).

A moral cristã é acobertada pelos Evangelhos: “Qualquer livro se torna limpo, depois de se ter lido o Novo Testamento” (NIETZSCHE, 1895, p.66). Neles, estão o necessário para utilização, manipulação e dominação das massas que tendem ao rebanho. “Nietzsche afirma que na verdade só houve um cristão e ele morreu na cruz. Portanto, é indispensável distinguir a mensagem de Jesus do credo dos discípulos, que é o próprio contraste ou a antítese da mensagem de Jesus” (GILES, 1989, p. 41). O

filósofo critica arduamente o Novo Testamento pela hipocrisia que diz encontrar em seus relatos e intitula de “imundisse” (NIETZSCHE, 1895, p. 66) suas intenções e charlatanismo. Uma leitura que se mostra contra a ciência e que deturpa os reais valores, desprezada completamente por Nietzsche. Ele, por sua vez, sai em defesa de apenas um personagem dos escritos: Pilatos – que não deixou-se padecer a favor dos judeus.

Na leitura do filósofo, quem santificou os sacerdotes, os teólogos, os papas, foram eles mesmos. Nietzsche os considera loucos por anormalizarem o não natural, por inverterem a noção de vida, e por definirem um comportamento mediante seus controles. “Com a crença no “outro mundo”, embora o homem ainda negue “este mundo”, acredita-se numa recompensa no além, noutra vida; com o descrédito dessa possibilidade, só resta mesmo o desconforto diante da realidade cruel, aniquiladora e aterradora”. (LIMA, 2006, p. 187). Deixam claro através de seus discursos forjados que apenas o Cristianismo é a fonte real da verdade e o sentido de tudo.

Uma catástrofe assim só foi possível por já haver uma espécie de loucura das grandezas aparentada e da mesma raça, a loucura *judaica*: logo que se abriu o abismo entre judeus e judeus cristãos, não restou aos últimos nenhuma escolha a não ser os mesmos processos de auto conservação, que o instinto judaico aconselhava a empregar *contra* os próprios judeus, embora estes os tivessem empregado até então somente contra tudo o que não era judeu. O cristão é apenas um judeu de confissão “mais liberal”. (NIETZSCHE, 1895, p. 63).

5.2 A CIÊNCIA INIMIGA

Para Nietzsche, Paulo criou um Deus para assim afirmar ou negar a sua própria palavra; uma forma de não ser descoberto e descreditado. Viu na fé, o método necessário para conseguir a confiança, alimentando-a com promessas e mentiras. Nisto consiste a moral cristã: ser contrária à sabedoria do mundo, à ciência. E, em se tratando da ciência, esta inimiga fatal do Cristianismo, a deturpação tornou-a má diante os olhos e corações dos fiéis.

Sendo o Cristianismo por si só uma grande mentira contra à vida, fica claro aquilo que dele é negado, nele encontra-se a verdade que ele busca ocultar. A principal arma cristã contra a ciência é a fé. Era pela fé que Paulo alimentava o ódio a ciência no coração dos seguidores de sua palavra. Fé e ciência divergem por si só: a primeira crê em uma verdade enquanto que a segunda busca provar à verdade. Na visão científica, os sentimentos, a crença através do sentir, de nada valem como termos universais,

assim como também sem provas argumentadas e comprovadas, nada pode ser justificado.

A religião não deve se vestir de ciência, e a ciência não deve usar de linguagem religiosa onde não puder mais argumentar. Nietzsche prega relações claras. Mas sabe que o sentimento religioso não está esgotado apenas por descobirmos erros dentro dele. (SAFRANSKI, 2005, p. 176).

Neste sentido, não haveria outro meio para sustentar o emaranhado do Cristianismo a não ser a Fé, ou seja, o método que não se precisa questionar e comprovar, apenas crer. E esse método foi utilizado por Paulo para sustentar suas mentiras; foi também utilizado posteriormente pela Igreja que, enfim, entendeu que sem ela a moral cristã iria à ruína. Para Nietzsche, Paulo foi sumamente estratégico em jogar Deus contra a ciência: fez de ambos inimigos mortais e gerou nos fiéis o sentimento de receio caso fossem questionar Deus ou o Cristianismo através da ciência. Assim sendo, filólogos e médicos tornam-se igualmente inimigos por usarem o método científico contrário a fé.

Na realidade, não se pode ser filólogo e médico sem, ao mesmo tempo, ser também *anticristo*. Como filólogo, olha-se por trás dos “livros santos”; como médico, *por trás* da decrepitude fisiológica do cristão típico. O médico diz “incurável”, o filólogo “fraude”... (NIETZSCHE, 1895, p. 68).

A partir desta citação, torna-se mais evidente a compreensão do significado do termo *Anticristo* utilizado por Nietzsche. O termo que é utilizado para intitular sua obra e que é encarado por nós leitores, inicialmente, com forte impacto negativo. Sendo o Cristianismo a ideologia mais presente na sociedade, é comum que este termo esteja relacionado automaticamente com as definições “diabo”, “inimigo de Cristo”, “lúcifer”, “besta”, “falso profeta” etc. Mas, ao nos familiarizarmos com a obra nietzschiana, percebemos que o filósofo não ataca Jesus Cristo, nem a sua palavra, porém os falsos profetas (sacerdotes, teólogos, papas) que utilizam-se de sua palavra e história para se auto proclamarem santos e defensores da verdade universal, ou seja, aqueles que devem ser considerados os verdadeiros anticristos, os contra Cristo, os seus inimigos.

Ao afirmar na citação acima que não se pode ser filólogo ou médico sem ser anticristo, Nietzsche usa este termo no sentido cristão, mostrando assim que como em ambas profissões estes necessitam do método científico para provarem fatos, na visão cristã estes são automaticamente contrários a Cristo, a fé, a “verdade”. O filólogo, por exemplo, segundo Nietzsche, não se baseia nas Escrituras utilizando-as como

parâmetro de certeza para outros estudos, já que de acordo com seu vasto conhecimento, é fácil detectar rapidamente a fraude. Neste sentido, qualquer pessoa, área, conhecimento, que tenha por base a ciência, a lógica, a razão, são diante os olhos do Cristianismo, inimigos de Deus e de sua moral.

Que a ciência é inimiga mortal de Deus é algo que se sabe desde as antigas escrituras. De acordo com a história de Adão e Eva, a mulher apresenta ao homem a árvore do Conhecimento; sendo assim, a mulher torna-se perigosa porque ela possui conhecimento e é capaz de contaminar os homens como aconteceu com Adão: “se o homem se torna científico, é o fim dos sacerdotes e dos deuses!” (NIETZSCHE. 1895. p. 69). Neste sentido, a ciência é vista pelo Cristianismo como o primeiro pecado, o pecado original e quem não quiser pecar para sofrer as consequências no “inferno”, esse não deve aproximar-se do conhecimento.

Segundo o Cristianismo, o pensamento deve ser evitado no homem, não deve ser estimulado, despertado, apenas limitado e regrado através da moral cristã. O ato de pensar leva à ciência e, sabendo disto, os sacerdotes buscam desviar o pensamento particular do homem criando a situação de indignação como consequência deste ato. Até a ocorrência de guerras é favorável para que o homem não pense, pois elas separam os povos, criam um estado de confusão, de não clareza; a guerra é assim não favorável a ciência. Diante de tudo isto, a ciência ganha posição forjada de maléfica. Assim, afastá-la do seio cristão, de seus seguidores, é a meta principal do Cristianismo.

Segundo Nietzsche, para que o homem não se sentisse atraído ao pensamento científico, criou-se o pecado para promover a culpa da consciência. O pecado tem por função promover o medo, o horror, a angústia, a fraqueza, o sentimento de culpa e de erro. Serve exatamente para inibir o ser e para evitar que o mesmo independa da moral cristã.

'Logo, é preciso tornar o homem infeliz' - foi esta em cada época a lógica do sacerdote. Advinha-se já o que, em conformidade com esta lógica, assim entrou no mundo: o “pecado”... A noção de culpa e de castigo, toda a “ordem moral do mundo” foi inventada contra a ciência, contra a libertação do homem a respeito do sacerdote... O homem não deve olhar para fora de si, deve olhar para si mesmo; não deve olhar para as coisas com sagacidade e circunspeção, como aprendiz, não deve absolutamente nada: deve sofrer... E deve sofrer de maneira a precisar sempre do sacerdote. Fora com os médicos! Precisa-se é da salvação. (NIETZSCHE, 1895, p. 70).

O Cristianismo gera um sentimento de dependência do fiel para com o sacerdote.

O sofrimento que Nietzsche se refere na citação, é o tormento humano por seguir uma moral que logicamente não se justifica: o ser humano que não percebe que sofre por ir contra sua própria natureza, por encarar a sua própria natureza como algo mau, como proibido. Este ser intitula-se como pecado, já graças ao ensinamento da moral cristã, por não compreender que seu tormento é meramente manipulado. O ser sofre por lutar contra si numa guerra inconsciente. “O pecado, diga-se mais uma vez, essa forma de auto poluição do homem *par excellence*, inventou-se para impossibilitar a ciência, a civilização, toda a elevação e nobreza do homem; o sacerdote *reina* graças à invenção do pecado” (NIETZSCHE, 1895, p. 70).

E, sendo contra tudo que gera o enfraquecimento e rebaixamento do homem, Nietzsche não poderia ir contra seus próprios valores e pensamentos afirmando o Cristianismo. Todo o formato desta moral, apresentada pelo filósofo no decorrer de sua obra, traz características que levam sempre o homem à submissão de algo e por algo. Para Nietzsche, esse seria o caminho mais contrário ao *Übermensch*, mais contrário a natureza do ser humano, mais contrário a vida em si.

Se as consequências naturais de uma ação já não são “naturais”, mas se imaginaram como suscitadas por espectros conceptuais de superstição, por “Deus”, “espíritos”, “almas”, enquanto simples consequências “morais”, como recompensa, castigo, advertência, meio de educação, então destruiu-se o pressuposto do conhecimento – *cometeu-se então o maior crime contra a humanidade*. (NIETZSCHE, 1895, p. 70).

Através da palavra *superstição*, utilizada por Nietzsche nesta citação, fica ainda mais clara a distinção entre ciência e fé, entre ciência e Cristianismo. Nietzsche nos mostra que a nossa vida real, a vida que vivemos, a moral que seguimos, está sendo “guiada” por princípios metafísicos, princípios que não podem ser corroborados, princípios contrários a única forma de se validar algo: a ciência. O filósofo quer mostrar-nos o quão contraditório é utilizar algo metafísico para justificar algo físico. Neste sentido, o fato do Cristianismo voltar-se contra o conhecimento em si, já torna-o questionável por real natureza.

Agora, o homem tem de voltar a acreditar no próprio mundo, no “reino da terra” como um reino cujo sentido não precisa ser dado de fora, mas pode ser encontrado aqui mesmo, em nossos impulsos mais naturais, em nossa própria “vontade de potência”. E esse “voltar a acreditar”, como uma atitude valorativa essencialmente distinta da descrença generalizada que acomete o homem moderno, seria para Nietzsche a única forma de curá-lo de sua doença. (MATTOS, 2011, p. 60).

Nietzsche assim escreve: “se hoje ainda há alguns que não sabem até que ponto

ser “crente é *indecoroso*” - ou marca de *décadence*, de vontade quebrantada de vida –, amanhã já o saberão” (NIETZSCHE, 1895. p. 71); é necessário percebermos o altruísmo na intenção do filósofo. Neste sentido, mesmo o pensador sendo encarado por muitos como alguém frio e áspero, este possui um objetivo coletivo em suas críticas: o resgate social e existencial do ser humano. O objetivo coletivo de Nietzsche não tem relação ou aparência com o imperativo categórico de Kant; ele simplesmente quer mostrar ao homem a sua potencialidade e a necessidade de superação dos valores cristãos, através da transvaloração.

Poderia aqui objetar-se imediatamente que a salvação não foi demonstrada, mas apenas *prometida*: a salvação está ligada à condição da “fé” - *deve* conseguir-se a salvação *porque* se crê... Mas como é que se demonstraria que o que o sacerdote promete ao crente, esse “além” inacessível a todo o controle, tem efetivamente lugar? (NIETZSCHE, 1895, p. 71).

Com estas palavras, Nietzsche apenas reforça a problemática da não comprovação das coisas que são faladas e prometidas no Cristianismo. Isto implica diretamente no conceito de verdade, fazendo desta moral algo duvidoso, algo que não serve como guia para uma condução favorável a evolução humana. “Foi esta a única moral até agora ensinada, conforme Nietzsche, a moral do desprezo da humanidade. O pretexto para querer melhorar a humanidade se revela como uma astúcia para sangrar a própria vida” (GILES, 1989, p. 44). Para o filósofo, apesar do Cristianismo afirmar ser a própria verdade universal, este é na realidade contra a verdade em si, ele nada mais seria que um deturpador da natureza e um inimigo contra a vida. E, ainda sobre o conceito de verdade, Nietzsche diz:

A experiência de todos os espíritos fortes, de todos os espíritos com índole profunda, ensina o *contrário*. Foi necessário lutar e conquistar a verdade a cada passo, foi preciso sacrificar quase tudo aquilo de que aliás está suspenso o coração, o nosso amor e a nossa confiança na vida. É preciso para tal ter grandeza de alma: o serviço da verdade é o mais duro serviço. Com efeito, que significa ser *honesto* nas coisas do espírito? Que se é exigente perante o seu coração, que se desprezam os “bons sentimentos”, que se tem consciência de cada sim e de cada não! A fé salva: *logo*, mente... (NIETZSCHE, 1895, p. 72).

6 DA LOUCURA CRISTÃ AO SEU CONDICIONADO FIM

No decorrer do estudo desta obra, fica mais do que claro o pensamento e a crítica do filósofo, dirigida ao Cristianismo e a sua moral religiosa. E, diante de tudo que ele analisou a respeito desta doutrina, concluiu-se que se há alguma explicação para tudo isto, se revela na loucura dos que pregam, seguem e são adeptos dessa moral, como seres adoecidos e débios. A única justificativa para a história e moral cristã, é a insanidade de pessoas que estão sendo guiadas por uma grave doença mental, e não há outra justificativa para isto, segundo Nietzsche.

Curar a humanidade significa, agora, livrá-la desse mal, significa combater o ideal ascético e defender o ideal dionisíaco, combater a crença em verdades internas, em virtudes pessoais capazes de dar a cada vida individual um sentido próprio, singular, inimitável. (MATTOS, 2011, p. 61).

Ao mesmo tempo que afirma que os cristãos possuem algum tipo de doença mental, também conclui que os mesmos *necessitam* estarem doentes para que assim tudo funcione, para que o Cristianismo em si tenha continuidade. Para o filósofo, numa moral que não há fundamentos válidos para se auto justificar, apenas a loucura e a ignorância seria a causa do seu seguimento. O filósofo fala acerca da doença como algo consciente, ou seja, no sentido de que o próprio sacerdote (o maior de todos os doentes, segundo ele) sabe da importância de se ter doentes para liderar, da utilidade de seus seguidores serem justamente doentes.

Que a fé salva em certas circunstâncias, que a beatitude não faz ainda de uma ideia fixa uma ideia *verdadeira*, que a fé não transporta montanhas, mas antes as *põe* onde não existiam – de tudo isso será elucidada suficiente uma rápida visita a um *manicômio*. Não, decerto, a um sacerdote, porque este nega por instinto que a doença seja doença, que o manicômio seja manicômio. O Cristianismo *precisa* da doença, mais ou menos como o helenismo tem necessidade de um excesso de saúde – tornar alguém doente é a verdadeira intenção recôndita de todo o sistema de procedimentos salvíficos da Igreja. E a própria Igreja não será o manicômio católico enquanto ideal derradeiro? A Terra em geral como manicômio? O homem religioso, tal como a Igreja o quer, é um *décadent* típico; a época em que uma crise religiosa se apodera de um povo é sempre caracterizada por epidemias nervosas; o “mundo interior” do homem religioso é análogo até à confusão ao “mundo interior” de um homem sobre-excitado e exausto; os estados “superiores”, que o Cristianismo pôs acima da humanidade como valor de todos os valores, são formas epileptoides; a Igreja canonizou apenas loucos ou grandes impostores *in maiorem Dei honorem...* (NIETZSCHE, 1895, p. 72).

Para tornar-se “cristão” não é necessário converter-se, mas estar doente. Pois, segundo Nietzsche, aceitar ser parte de uma moral que despreza o corpo, que dá veracidade as superstições da alma, que determina que se faça sacrifícios alimentares em busca de virtude, que diz ao crente que este está sendo atentado por um demônio sempre que este deseja fazer algo que quebre as suas leis, que diz purificar as almas mesmo que dentro de corpos cadavéricos – corpos estes que reprimem os desejos naturais e suas saúde em nome de uma vida “santa” - aceitar, enfim, submeter a sua vida, tornando-a parte de um conjunto de coisas ilógicas e de sentido irreal; é sinal, sem sombras de dúvida, de insanidade e demência.

Homens doentes defrontam-se com as suas grandes dificuldades de habitar a terra, com sua rejeição da vida e, ameaçados pelo *páthos* suicida de “nada querer”, tentaram uma desesperada saída para essa situação de extrema precariedade e anemia vital. Diante disso, o ascetismo – manipulado pelo sacerdote – aparece como uma pretensa alternativa. Antes de abandonar todo desejo de renunciar à vida, surgiu a artimanha, uma pseudo solução: “querer o nada”, isto é, desejar viver num futuro ideal num hipotético mundo perfeito. Querer o *nada* é querer o além, querer a ilusão, a vida utópica. Uma vez que o sacerdote consegue inculcar nos seus fiéis essa crença, será necessário resignar-se a uma existência ascética, voltada para esse nada celeste, abdicando de todas as paixões, de todos os impulsos terrestres. (BARRENECHEA, 2009, P. 34).

“Porque a doença pertence à essência do Cristianismo” (NIETZSCHE, 1895, p. 74) assim como seus atributos, à exemplo da fé, que pertencente ao meio e é igualmente parte de toda a loucura. Afinal, qualquer caminho que leve ao cientificismo é contrário as “verdades cristãs”; a dúvida leva ao pecado e todas as outras fontes são proibidas pela Igreja. Para Nietzsche, diante de tudo isto, não haveria como ficar mais clara a insanidade que domina o Cristianismo: “A “fé” significa não-querer-saber o que é verdadeiro” (NIETZSCHE, 1895, p. 75) e, este não querer já mostra toda a ignorância que rege essa moral.

Além de filósofo, como já explicitado anteriormente, Nietzsche também era filólogo, e automaticamente seus escritos passavam por um critério de avaliação minucioso, de modo que não usava de referências e achismos para que pudesse definir uma palavra com coerência. Diante disto, é compreensível o por quê de Nietzsche revoltar-se contra o Novo Testamento, tão cheio de interpretações pessoais e errôneas. Sobre este tema, e comparando a leitura e a interpretação dos teólogos, o filósofo faz a seguinte crítica:

Uma outra marca dos teólogos é a sua *incapacidade para a filologia*. Por filologia deve aqui entender-se, num sentido muito geral, a *arte* de ler bem, de discriminar os fatos sem os falsificar mediante interpretações, sem perder, na ânsia de compreender, a circunspeção, a paciência e a finura. Filologia como *ephexis* a interpretação: trata-se simplesmente de livros, de notícias de jornais, de destinos ou de fatos meteorológicos – para não falar da “salvação da alma”... (NIETZSCHE, 1895, p. 75).

Nietzsche fala ainda do erro de interpretação que causa um mártir, e sua relação com a verdade, sendo esta a mínima possível. Jesus Cristo ter morrido numa cruz o tornou um mártir aos olhos dos crentes; sua cruz é o argumento, mas nem todo argumento é válido. Onde a verdade for relacionada com algo grandioso, há falha, pois a verdade em si atinge um outro patamar – o da modéstia: “A verdade não é algo que alguém possua e outro não possua: quando muito, só camponeses ou apóstolos de camponeses, à maneira de Lutero, é que assim pensam sobre a verdade. Pode estar-se certo de que, segundo o grau de consciência nas coisas do espírito, a *modéstia* neste ponto há de ser sempre maior. Ter *conhecimentos* em cinco coisas e, com a mão delicada, recusá-los noutras partes...” (NIETZSCHE, 1895, p. 76). E, em se tratando de má interpretação e verdade, não é preciso prolongar aqui nosso discurso; para o filósofo, os representantes e seguidores do Cristianismo só são representantes da primeira.

No tocante as convicções, Nietzsche diz que apenas as pessoas fortes de espírito entendem que não devem agarrar-se a elas e nem assumirem para si um único caminho; e apesar de uma hora ter se convencido acerca de algo, ter a plena consciência de que não deve dobrar-se ao mesmo, ser submisso ao mesmo. O homem convicto acaba perdendo a noção de outras direções e sua objetividade acaba quando aquilo é alcançado; quando não há mais vias para seguir, encerra-se a busca.

A fé é a convicção do crente: a convicção que cega para outras realidades, que diz-se única e verdadeira, que submete o crente a ela como superioridade, que causa dependência e fraqueza. Por ser do tipo convicta, a fé gera alienação, ela própria é fonte de alienação. A fé leva o homem à escravidão por seguir um único caminho, sem dar liberdade para a busca de outros, levando-o assim a inconsciência de não saber distinguir o verdadeiro do falso, desta forma, ele não tem outras fontes nas quais possa se basear. E é nisto que consiste o fanatismo do crente: crê unicamente em sua própria fé mesmo que esta contrarie a razão.

O filósofo apresenta uma relação entre a convicção e a mentira, no mínimo, ousada – assim como toda a sua filosofia: “Já há muito submeti à consideração se as

convicções não serão inimigos mais perigosos da verdade do que as mentiras” (NIETZSCHE, 1895, p. 79). Ele nos mostra que, tomando partido por algo, o ser humano cai em sua própria armadilha; sua condição o restringe até ao ponto de tornar-se um mentiroso defensor, um mentiroso de si.

Ora não querer ver o que se vê, não querer ver do modo como se vê, eis a quase condição primordial para todos os que são de um partido, seja em que sentido for: o homem de partido torna-se necessariamente mentiroso. (NIETZSCHE, 1895, p. 79).

Mas, ora, se há um pretexto, há uma finalidade e em se tratando de finalidade cristã, já é claro o que Nietzsche tem a dizer: que toda finalidade do Cristianismo é má e egoísta e que jamais olha para o outro a não ser com a intenção de submetê-lo à sua moral. E, sendo maus os fins, também assim os serão os meios.

Nietzsche toma como exemplo o Código de Manu, a legislação mais antiga da Índia: seu objetivo é organizar a sociedade de uma maneira política e religiosa. Comparando-o com a leis do Cristianismo, o filósofo vê que as leis de ambos os códigos são fajutas e fracas a partir do momento que a autoridade de suas leis se apresentam nas teses de que foi Deus quem as deu e os antepassados as viveram como prova. Em seu Código, Manu apresenta castas para posicionar o papel e função de cada um na sociedade (dando ênfase no destaque para os sacerdotes), sendo que de acordo com Nietzsche, tal divisão é de origem natural e não de um código determinante: “A natureza, e *não* Manu, é que separa os predominantemente intelectuais, os de preponderância muscular e de temperamento forte, e os terceiros, os que não se distinguem nem numa nem noutra coisa, os medianos” (NIETZSCHE, 1895, p. 84). Percebemos que o filósofo quer mostrar que, mesmo negando a natureza, as ordens secundárias a precisam, seja para extrair delas suas leis como o Código de Manu, ou seja para contradizê-la, como faz o Cristianismo que, mesmo a desprezando, necessita dela.

A ordem das castas, a *ordem de precedência*, formula apenas a lei suprema da própria vida, a superação dos três tipos é necessária para a manutenção da sociedade, para a possibilitação de tipos superiores e supremos – a *desigualdade* dos direitos é a primeira condição para que em geral haja direitos. (NIETZSCHE, 1895, p. 85).

Outro exemplo dado por Nietzsche, a ser comparado com o Cristianismo no tocante a finalidade, é o anarquismo. Ambos, na visão nietzschiana, por assim dizer, tem por objetivo a destruição. Para o filósofo, não há progresso quando um ser denomina-se cristão ou anarquista; sendo assim, ele seria alguém desacreditado, alguém contra à

vida, contra à própria natureza. O anarquismo sugere o caos, o Cristianismo o niilismo... e, assim, nada de útil ou de valor pode se tirar ou resgatar de ambas situações. Com estas palavras, Nietzsche define o que estas tem de tão igual:

O cristão e o anarquista: ambos *décadents*, ambos incapazes de agir de outro modo a não ser desintegrando, envenenando, debilitando, *sugando o sangue*; ambos têm por instinto um *ódio mortal* contra tudo o que permanece, o que é grande, o que tem duração, o que promete futuro à vida... (NIETZSCHE, 1895, p. 87).

Quem compreende o filósofo Nietzsche, a sua trajetória de vida pessoal, a sua carreira acadêmica, as suas fases, as suas revoltas, a sua paixão, consegue enxergar o porquê de suas palavras e pensamentos. Em seus tão particulares escritos, percebe-se um misto de sentimentos que oscilam entre a amargura e à alegria. E, na obra *O Anticristo* (1895), notamos principalmente nos aforismos finais, toda a sua angústia de tentar fazer entender à sua visão ante à sociedade. Quem acompanha sua filosofia sabe o quanto Nietzsche valorizava com paixão a cultura, a ciência e a natureza como representantes da vida. Nietzsche amava a vida, e como prova deste amor, dedicou-se à criticar tudo que se voltasse contra ela.

O filósofo tinha um respeito e uma admiração notáveis pelos antigos e seu legado. Tanto que, para ele, qualquer utilização errônea, má intencionada ou deturpada da herança antiga, era a pior das faltas e o pior dos insultos. E, no decorrer da apresentação de sua obra, é justamente isto que o mesmo percebe: a falta de respeito que dever-se-ia ter diante a deturpação cristã com os antigos e com a vida em si. Perceber todo o trabalho de uma época sendo utilizada de maneira vã é para Nietzsche “monstruoso” (NIETZSCHE, 1985, p. 89), principalmente porque, segundo sua percepção, os antigos deixaram conhecimentos essenciais de forma preliminar para que as futuras gerações os desenvolvessem. O filósofo, neste sentido, angustia-se por só ter visto decadência e deturpação na pós-antiguidade.

Nietzsche percebe que, após o Cristianismo, nada mais pode se achar de puro, já que tudo contém sua referência e perversidade. Lamenta que hoje gregos e romanos não passem de recordação e história desvalorizada: a estes, o filósofo demonstra grande respeito. “A sede oculta de vingança, a pequena inveja transformada em senhor!” (NIETZSCHE, 1895, p. 90): é esta para Nietzsche a face real do Cristianismo; o responsável pelos males humanos e sociais; o deturpador supremo; o verdadeiro “anticristo”. E, tendo repulsa às pregações cristãs, os representantes da Igreja

responsáveis por espalhar tais inverdades, os sacerdotes, são os que mais o filósofo despreza:

Oh! são astutos, astutos até à santidade, esses senhores Padres da Igreja! O que lhes falta é algo de totalmente diverso. A natureza abandonou-os, esqueceu-se de os prover com um dote modesto de instintos respeitáveis, convenientes, limpos... Aqui entre nós, eles nem sequer são homens... Se o Islamismo despreza o Cristianismo, tem para tal mil razões: o Islã tem os homens como pressuposto... (NIETZSCHE, 1895, p. 90).

Roma e Grécia, na visão nietzschiana, são exemplos de nobreza, de virilidade, de posicionamento favorável à vida e à natureza; se elas não foram respeitadas em cultura e copiadas como exemplo próspero, só resta a decadência e a desordem. Apenas um povo fraco para rejeitar valores fortes: assim cai por terra a esperança do surgimento de novas nações de progresso e sabedoria.

Daí, várias vezes ter afirmado a existência de um momento e um lugar em que os valores aristocráticos foram dominantes: a Grécia arcaica, que para ele sempre significou o apogeu da civilização, é onde vai encontrar na arte – na epopeia, na poesia lírica, na tragédia – os valores que opõe à moralidade. Assim, do mesmo modo que a filosofia socrático-platônica estabelece uma ruptura entre o trágico e o racional, a religião judaico-cristã institui a ruptura entre o trágico e o racional, a religião entre ética e moral. Balizamentos históricos diferentes mas que têm em comum assinalar o nascimento de um período de decadência. (MACHADO, 1999, p. 62)

Nietzsche também acusa, com certa decepção, o envolvimento da Alemanha de sua época com o Cristianismo, sua relação amigável e de serviços prestados ao mesmo. Para o filósofo, juntando-se ao Cristianismo, a Alemanha se assume como fraca e como decadente, ela se entrega à submissão, quando na verdade deveria assumir uma postura de superioridade e nobreza ante sua história.

Nietzsche acusou os alemães, neste sentido, com bastante ênfase durante a sua obra. O fato de Lutero ter sido alemão e cristão e dado início a Reforma Protestante: para Nietzsche isso foi simplesmente um desperdício de oportunidade de se exterminar o Cristianismo e dar início a transmutação dos valores cristãos, numa nova expectativa junto das mudanças positivas da época da Renascença. Transmutação, transvaloração... a expectativa do filósofo... a esperança para confortar a decepção.

E, nada mais coerente com os propósitos, que finalizar nosso trabalho com o último aforismo da obra *O Anticristo*; nele, as palavras de Nietzsche se confundem entre

o desabafo e o protesto, porém com a sinceridade e a clareza inigualáveis que o imortalizaram na história da filosofia. Suas palavras finais resumem sua indignação, sua revolta, mas, acima de tudo, expressam sua paixão primordial e avassaladora pela vida.

E chego assim ao fim e vou proferir o meu juízo. *Condeno* o Cristianismo, lanço contra a Igreja a mais temível de todas as acusações, que alguma vez um acusador pronunciou. Ela é a maior de todas as corrupções que pensar se podem, teve também a vontade para a derradeira corrupção apenas possível. A Igreja cristã nada deixou intocado pela sua corrupção, fez de cada valor um não valor, de cada verdade uma mentira, de toda a probidade uma vilania de almas. Que ousem ainda falar-me das suas bênçãos “humanitárias”! *Suprimir* qualquer miséria era ir contra a sua mais profunda vantagem – ela viver misérias, *criou* misérias para se eternizar... O verme do pecado, por exemplo: foi com a miséria assim que a Igreja enriqueceu acima de tudo a Humanidade! A “igualdade das almas perante Deus”, esta falsidade, este subterfúgio dos *rancunes* de todos os espíritos inferiores, este conceito exclusivo, que se tornou por fim revolução, ideia moderna e princípio da degenerescência de toda a ordem social – é a dinamite *cristã*... “Bênçãos humanitárias” do Cristianismo! Extrair da *humanidade* uma autocontradição, uma arte de auto violação, uma vontade de mentira a todo o custo, uma repulsa, um desprezo de todos os bons e honestos instintos! - eis as bênçãos do Cristianismo! O parasitismo como a única práxis da Igreja; sugando, com o seu ideal de anemia e de “santidade”, todo o sangue, todo o amor, toda a esperança de vida; o Além como vontade de negação de toda a realidade; a cruz como marca distintiva da mais subterrânea conspiração que alguma vez existiu – contra a saúde, a beleza, a retidão, a bravura, o espírito, a *bondade* da alma, *contra a própria vida*...

Hei de escrever em todas as paredes esta eterna acusação contra o Cristianismo, onde quer que haja paredes – tenho letras que até hão de fazer ver os cegos... Chamo ao Cristianismo a última grande calamidade, a única grande depravação interior, o único grande instinto de vingança, para o qual nenhum meio é suficientemente venenoso, sub-reptício, subterrâneo, *baixo* – chamo-lhe a única nódoa imortal da humanidade...

E conta-se o *tempo* a partir do *dies nefastus* com que se iniciou semelhante destino – a partir do *primeiro* dia do Cristianismo! - *Porque não antes a partir do seu último dia? - A partir de hoje? -* Transmutação de todos os valores!... (NIETZSCHE, 1895, p. 94).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho apresentado, pôde ser compreendido de forma detalhada e objetiva, o posicionamento do filósofo Friedrich Nietzsche a respeito da moral cristã, assim como a sua proposta para uma transvaloração dos valores. Nietzsche, através de sua obra *O Anticristo* (1895), nos leva a entender o motivo de sua crítica, e a partir disto, a solução indicada por ele para recuperação da humanidade, por assim dizer.

Através das palavras do filósofo, a queda do Cristianismo se dá em seu próprio meio, desde o momento em que não consegue comprovar suas promessas de teor metafísico, gerando assim o niilismo entre as pessoas a partir da dúvida. E é desta ruptura que Nietzsche propõe um começo para novos valores longe de toda e qualquer herança cristã. Um começo para que o homem possa superar a si mesmo, tornar-se um além-homem; ou, como o próprio filósofo intitula: o *Übermensch*. Diante desta perspectiva, Nietzsche nos mostra a importância da consciência do ser humano na conquista de sua superioridade, no sentido do homem justificar sua própria vida, tornando-se responsável por seu próprio destino, e não dependente e temente de um Deus. Como podemos acompanhar no decorrer deste trabalho, tal dependência é, para Nietzsche, sinal de fraqueza e decadência típicos do Cristianismo.

O filósofo acusa o Cristianismo de forma clara como um inimigo da vida e do *Übermensch*, com sua doutrina geradora de rebanho, de regras tendenciosas, e pregadora de submissão. Nietzsche nos fala da impossibilidade de evolução do ser humano dentro desta moral que limita e introduz o sentimento de culpa em seus seguidores. Tal impossibilidade implica diretamente na realização do *Übermensch*, impedindo-o de vir à tona, e de resgatar a ideia original de valor. Assim como a moral cristã fez desaparecer a importância do homem e de sua natureza em prol de suas próprias leis antinaturais, assim também o fez com o conceito real de divindade, adjetivando o seu próprio Deus com características frágeis e humanizadas, em nome dos interesses camuflados em seus próprios dogmas.

É certo que Nietzsche era um crítico de religiões e morais, e para embasar seus argumentos em relação a moral cristã, ele utiliza-a de comparação com a religião budista, na qual ele não se rende em adoração, mas a destaca em superioridade em vários pontos do Cristianismo. Um dos exemplos é a busca pela evolução do espírito, onde Nietzsche nos mostra que num paralelo entre ambas, o Cristianismo não procura tal evolução, frisando apenas a importância de uma suposta outra vida, conquistada

após a morte pelos fiéis *obedientes*. Ainda no que se refere a outras religiões, o filósofo cita o judaísmo como origem do Cristianismo. O Cristianismo como herança judaica. Claro que, dedicando-se a uma crítica tão analisada e objetiva ao Cristianismo, o filósofo não poderia pensar diferente de uma religião que para ele originou uma moral decadente como a cristã. Tudo que tende a escravizar o ser aos interesses alheios é, para Nietzsche, inaceitável.

O filósofo, contrariando as apressadas interpretações direcionadas ao título de sua obra *O Anticristo* (1895), defende em palavras a existência de um único cristão na história, e que este seria Jesus de Nazaré. Para Nietzsche, os fiéis que intitulam-se cristãos, sequer sabem sobre o que seguem ou o que são. O filósofo toma Paulo como responsável da deturpação mental, assim como da má interpretação do evangelho de Cristo que, por sinal, é o único verdadeiro segundo Nietzsche. Escritos posteriores, leis, moral cristã, são para ele criações do desejo de deturpação advinda dos sacerdotes, teólogos e papas.

Nietzsche também nos mostra que, tendo por base a metafísica, qualquer argumento de origem científica é desprezada pelo Cristianismo. Para o filósofo, isto já seria motivo suficiente para provar a insanidade desta moral, que criou uma realidade própria e antinatural voltada para o sentimento de fé, na qual nada se pode questionar e nada se valida pelo racional. Neste sentido, o Cristianismo só nos mostra a sua propensão para o seu próprio fim, para o niilismo, para o *não* em relação a vida e a realidade existencial.

Após a leitura e análise da escrita nietzschiana para o desenvolvimento deste trabalho, apesar de todo impacto social, ético e religioso que suas palavras e que esse tema geram, é perceptível a sua vontade de ver uma evolução considerável na humanidade em nome da vida. O papel deste trabalho foi o de fazer perceber que o intuito de Nietzsche vai muito além de uma crítica religiosa, porém de um conhecimento que deve ser coletivo para que haja uma mudança satisfatória e real em cada existência. A reflexão sem preconceitos se faz necessária, para que se perceba o benefício de uma vida construída por escolhas analisadas, por uma moral que respeita a vida, e por um além-homem que supere suas próprias expectativas e limites impostos por outrem.

REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

BRANDÃO, E. **Além-do-homem e outros tipos**. In: Mente, Cérebro & Filosofia – Nietzsche vol. 3, 2011, p. 32.

DELEUZE, G. **Nietzsche**. Lisboa, Portugal: Edições70, 2007.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. 2ª reimp. São Paulo: EPU, 2003.

GILES, T. R. **Nietzsche no limiar do século XXI**. Colaboração de Vicente Masip. São Paulo: EPU, 2003.

HATAB, L. J. **A genealogia da moral de Nietzsche: uma introdução**. Trad. Nancy Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010.

LEFRANC, J. **Compreender Nietzsche**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIMA, M. J. S. **As máscaras de Dioniso: Filosofia e tragédia em Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2006. - (Sendas e Veredas/ coordenadora Scarlett Marton).

MACHADO, R. C. de M. **Nietzsche e a verdade**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACHADO, R. C. de M. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARTON, S. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna,

2006. (Coleção Logos).

MATTOS, F. C. **Como combater o niilismo**. In: *Mente, Cérebro & Filosofia – Nietzsche* vol. 3, 2011, p. 52.

MATTOS, F. C. **Por que ler Nietzsche**. In: *Mente, Cérebro & Filosofia – Nietzsche* vol. 3, 2011, p. 98.

NIETZSCHE, F. W. **Aurora**. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apres. Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral, uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

NIETZSCHE, F. W. **O Anticristo**. Trad. Artur Morão. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, Saraiva.

SAFRANSKI, R. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. Trad. Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SIMMEL, G. **Schopenhauer & Nietzsche**. Trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.